

Marshall

McLuhan

Quentin Fiore

**O
Meio
são as
Massa-
gens**



O Meio são as Massa-gens Marshall McLuhan Quentin Fiore

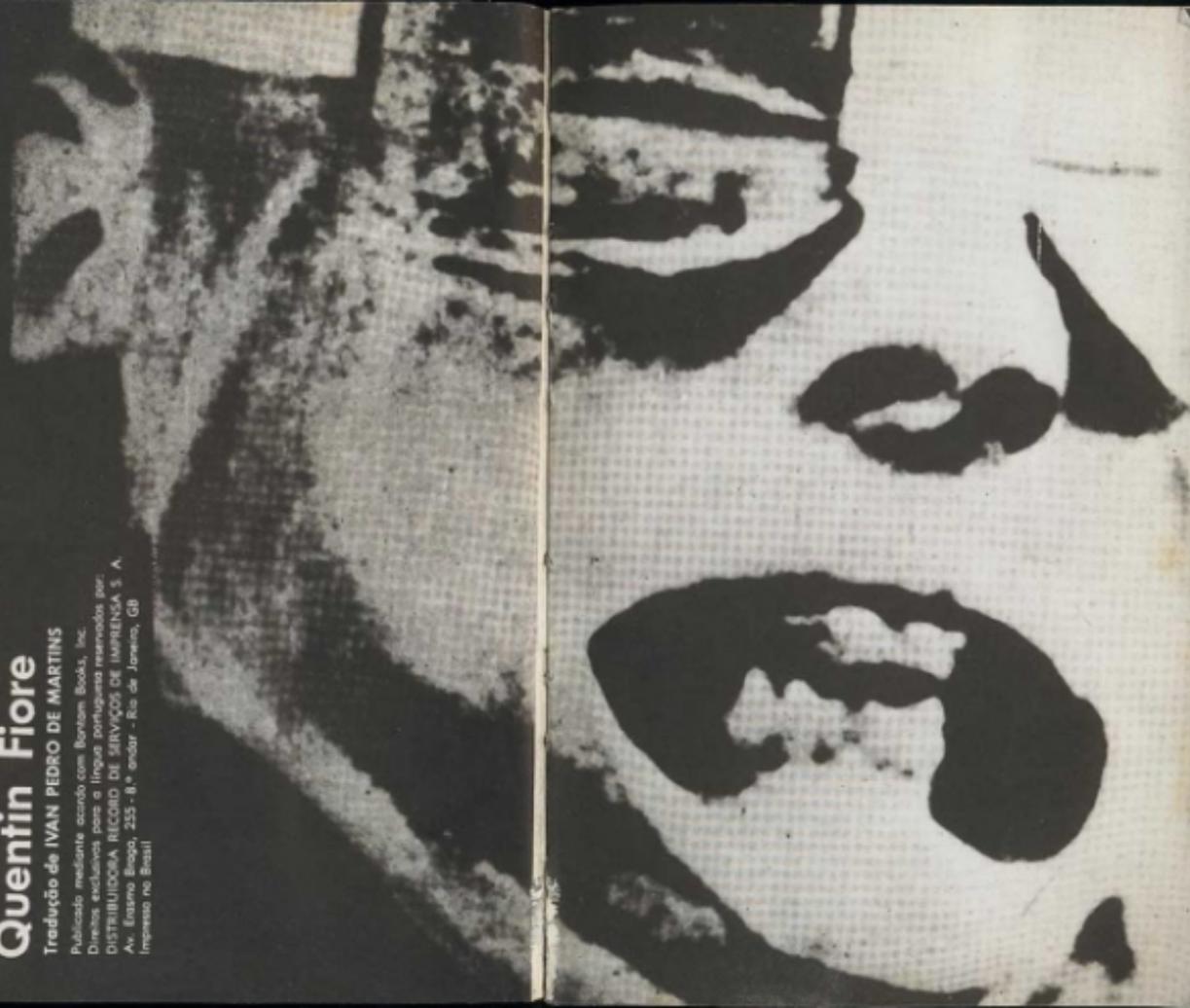
Tradução de IVAN PEDRO DE MARTINS

Publicado mediante acordo com Bantam Books, Inc.

Direitos exclusivos para a língua portuguesa reservados por:
DISTRIBUIDORA RECORDE DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S. A.
Av. Ensenio Binago, 255 - 8.º andar - Rio de Janeiro, GB
Impresso no Brasil

Coordenado por Jerome Agel

© Copyright, 1968, by Marshall McLuhan,
Quentin Fiore and Jerome Agel



... as massa-gens?



e como!

"Os maiores avanços na civil
que quase arruinam as socie

ização são processos
dades em que ocorrem"

A. N. Whitehead



BIBLIOTECA PÚBLICA
DO PARANÁ

312821

BIBLIOTECA PÚBLICA DO PARANÁ
NÃO DANIFIQUE ESTA ETIQUETA



30 091 976



O título

A edição inglesa tem por título "The medium is the massage", que na semântica de McLuhan se desdobra de várias maneiras, além de constituir um jogo de palavras introduzível. O "medium" vem do latim e foi integrado na linguagem publicitária como correspondendo a veículos de divulgação. Assim, o jornal, a revista, o rádio, a TV, os cartazes, as circulares, são meios, ou "media", como se diz no jargão publicitário. Cada agência tem o seu departamento de "media", encarregado de programar os diversos veículos que divulgam as mensagens comerciais. Tenta-se, e eu mesmo tentei, estabelecer o nome de departamento de veiculação, mas o hábito de duas gerações é forte e ainda se diz "media", pronunciando-se, não como em português ou latim, mas como em inglês "mídia". Ora, para McLuhan, o "medium" é simultaneamente o veículo de divulgação e o meio social, como veremos.

Como o meio conduz a mensagem, no conceito mcLuhanesco, o próprio meio é a mensagem. A mensagem dirigida a massas nelas produz efeito semelhante a uma massagem condicionadora. Donde ele deduzir que o conteúdo não importa senão o veículo, e em seus trabalhos insiste em que a TV condiciona não pelo que informa, senão pelo como informa. O outro lado da massagem seria, em inglês, a decomposição da palavra em "mass" — "age", idade das massas. Donde o conceito sub ou superposto de que o meio é a idade da massa. Ante essa dificuldade, preferi como título o subtítulo em inglês, tentando para subtítulo o "o meio são as massa-gens", pois gens é povo ou massa, donde nessa peculiar palavra haver a massagem, correspondente ao espírito original do autor a também o de massa, ou povo massificado. Isso explica a aparente exdruxulosidade do título, que só assim pode ser McLuhan.

Explicação

Ai por junho de 1967, Vicente Barretto, diretor da revista Cadernos Brasileiros, pediu-me um estudo sobre McLuhan, que, na época, começava a ser lido no original por estudiosos e curiosos de nossa fauna intelectual. Se outra razão não houvesse para esse interesse, bastaria a notícia de que havia sido contratado por uma Universidade americana pelo salário de cem mil dólares anuais para tratar de problemas de comunicação de massas. Era o que Princeton pagava a Einstein — dá para pensar...

Fiz o estudo, cuja publicação Vicente Barretto anunciava para setembro. Passou o tempo, passaram dois setembros e o estudo não foi publicado. Agora, Alfredo C. Machado pede-me que traduza McLuhan. Ora, pelo menos esse "The Medium is the Massage" não é coisa de ser engolido sem "antipasto", donde ter-me parecido conveniente dar uso, com algumas modificações, ao estudo que não foi publicado. Baseia-se ele no "Understanding Media" (na edição brasileira: "Os Meios de Comunicação como Extensão do Homem"), trabalho mais amplo e profundo, em que os conceitos, só na aparência disparatados de McLuhan, acumulam-se para uma visão de conjunto de seu pensamento. O "Medium is the Massage" é uma ilustração gráfica dos conceitos do outro livro. Isso explica que, para o leitor ganhar familiaridade com o tema e o autor, aqui esteja a "O Ovo Eletrônico".

Prefácio

O ovo eletrônico

Ivan Pedro de Martins

Não se trata da produção de pintos metálicos em incubadeiras dirigidas por computadores, nem de ovos em galinhas cibernéticas.

O problema é o da extensão sensorial do ser humano, integrando-o numa comunidade terrestre em que o planeta se torna uma aldeia global, "a global village", como o classifica Marshall McLuhan.

O ovo eletrônico é a Terra.

A semelhança crescente entre as estruturas econômico-sociais dos Estados Unidos e da Rússia, malgrado os equívocos semânticos que classificam a sociedade americana de capitalista e a russa de comunista, vem provocando as mais diferentes reações entre pensadores e ativistas políticos.

Os chineses acusam a Rússia de neocapitalista, revisionista e burguesa. Alvoam para a China o papel de porta-estandarte da revolução.

Os ideólogos de direita ensaiam um novo maccarthysmo, ao acusarem os Estados Unidos de socialismo, coletivismo, arregimentação, contra os princípios do livre capitalismo.

Entre os dois gigantes sócio-econômicos, que encabeçam as tendências fundamentais aparentes da política mundial, pulverizam-se os matizes da inconsistência ideológica e da cegueira sociológica.

No chamado campo socialista despontam vozes aparentemente heréticas com relação a princípios econômicos e de criação intelectual. O monolitismo é corroído pela inclusão de não-partidários nas chapas eleitorais do partido único e pelas dissensões poéticas e novelísticas que dão cadeia a alguns autores e destaque a outros, como Etvuchenko, "persona grata" em Portugal e repórter lírico da visita do Papa a Fátima.

No chamado campo democrático agitam-se os Bertrand Russell's, enquanto milhares de jovens americanos atacam a guerra do Vietnã e buscam afirmar-se, não no êxito empresarial, o "managerial success", que espelha a escala de valores americanas, mas nas experiências com maconha, psicotrópicos, cocaína, heroína, morfina ou ácido lisérgico, num contexto de sexualismo exacerbado e sem rumo. *negativo*

As tentativas de atualizar o marxismo afundam na tautologia, quando não numa mitificação de dogmas, talvez por desconhcerem que Marx citara Goethe em carta a respeito de sistemas, "secas e estéreis são as teorias e verde é a árvore da vida".

E as economistas como Myrdal e Schumpeter, todos pós-keynesianos, apenas diferem do teórico da crise na forma de dizer que a longo prazo todos estaremos mortos."

As escolas psicanalíticas, mesmo quando manipuladas para o amplo consumo por autores como Erich Fromm, escolham no que chamo a teoria do "me-umbiguismo", ou seja a narcisístico adoração do próprio umbigo.

E nem encontraram ainda o caminho para a explicação genética do subconsciente e inconsciente, por não incluírem na pesquisa a antropologia, a arqueologia, a físico-química e a genética.

Talvez, se examinassem os resultados do exame do carbono 14 na determinação da idade do homem no planeta e computassem dados sobre caracteres adquiridos e herdados nesses milênios de pré-história, saíssem do emaranhado analítico e terapêutico que termina no mais estéril dos individualismos.

Resta o papado, uma vez que a atomização das seitas cristãs não-ortodoxas deixa-as dispersas, enquanto o islamismo e as religiões orientais mal conseguem conservar a liturgia, sem encontrar-lhe alicerces na areia movediça da sociedade contemporânea.

O papado, nesses 1967 anos da era cristã, é um fenômeno extraordinário de adaptação.

Das catacumbas à inquisição, das missões evangelizadoras à "Rerum Novarum", o papado sempre conseguiu sobreviver como instituição religiosa e como instrumento político-social.

A "Rerum Novarum" marca o início da mais profunda transformação da Igreja Católica — sua inclusão plena e consciente no drama terreno dos seres cuja alma é sua preocupação salvar.

Com a "Populorum Progressio" marca o papado o início da era em que o católico aceita e busca a realização da "cidade terrena" como ante-sala da "cidade celeste" — seu objetivo final.

Já era assim que me falava em 1948 o padre Orlando Machado em Belo Horizonte.

Apesar disso, o instrumental lógico-semântico da enciclica é apenas um aprimoramento do que vem sendo usado há mais de um século, diria mesmo que desde Thomas More, pelos reformadores sociais.

As idéias, como forças mobilizadoras de multidões, estenderam sua influência por toda a Terra, colorindo-se com a experiência vital de cada grupo. No tempo e no espaço camaleonizaram-se e, por fim, conquistaram a consciência católica.

O problema da fé já não é óbice para a militância social, tiram as muralhas de Jericó, ante a trombeta de dois bilhões de miseráveis e o papado entrou na pugna social — a fraternidade cristã sai da abstração paradisíaca para a marcha suada, chorada, às vezes sangrenta da gente viva, que quer comer, vestir-se, morar e divertir-se, enquanto não chega a hora de "entregar a alma a Deus".

A importância dessa decisão deve ser medida em função de dois parâmetros — o da sobrevivência vitoriosa do catolicismo em todas as suas mudanças durante 20 séculos — e o da estupenda potência espiritual e material do catolicismo em todo o mundo.

O papado católico é hoje, na prática, o arauto de uma era cujos elementos estruturais só apareceram nitidos no trabalho desse elemento imprevisível, esse "random factor" humano que se chama Marshall McLuhan.

* * *

Dêse escritor e universitário, talvez dos poucos pensadores válidos de nosso tempo, em que o filósofo é quase sinônimo de dicionarismo obsoleto, só sei o que a capa do "pocket book" me diz.

"Diretor do Centro de Cultura e Tecnologia da Universidade de Toronto e freqüente conferencista e debatedor em televisão e salas de conferências. Estudou nas Universidades de Manitoba e Cambridge, onde obteve seu doutorado em Literatura Inglesa. Foi professor universitário nos Estados Unidos e no Canadá.

É autor de vários livros: "The Mechanical Bride", "The Guttenberg Galaxy", "The Media is the Massage", "Understanding Media" e "War and Peace in The Global Village". Conheço-os e é de "Understanding Media", traduzido como "Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem", que cheguei ao conceito do ovo eletrônico.

* * *

A aldeia é a espécie de agrupamento pré-urbano em que ninguém é estranho a ninguém e em que todos os atos e fatos são instantaneamente sabidos por todos.

É um núcleo de seres humanos integrados, não por serem homogêneos ou semelhantes, mas por estarem fisicamente próximos uns dos outros. A experiência comum nasce do conhecer o semelhante e seus atos e a eles reagir conforme o modo de ser de cada um. Ao impulso inicial que causa o conhecimento, segue-se logo a reação de quem conhece e que atinge o originador do impulso. É cibernética social em estado puro — ao processo eletrônico precede a simples proximidade física dos habitantes da aldeia. É o "feedback" social é parte do processo integrador de cada um.

* * *

Começarei por transcrever McLuhan — é mais prático e preciso. As citações não seguirão ordem lógica, no sentido que atribuímos à lógica, um sentido de linearidade e seqüência que McLuhan atribui a Guttenberg e à palavra impressa. É um de seus exageros, o excesso indispensável

ao pioneiro para sacudir a rotina mental dos homens de seu tempo, pois "não há sacrifício a que o homem não se submeta para evitar o indizível esforço de pensar."

A linearidade e a seqüência, a lógica formal e seus desdobramentos precedem Guttenberg em vários séculos. As citações serão "mosaicas" ou "iconográficas", como chama McLuhan a simultaneidade e diversidade do conhecimento humano na era eletrônica. E serão assim porque assim o são no livro.

E o livro será "Understanding Media".

* * *

"Meio de comunicação (daqui por diante direi apenas "meio") frio, em gíria, quer dizer muito mais que a antiga idéia de quente. (cool media is "hot") ... indica participação e comprometimento em situações que envolvem todas as nossas faculdades." (pág. VII da introdução à segunda edição).

* "A gíria não se baseia em teorias mas na experiência imediato," (pág. VIII)

* "Qualquer tecnologia gradualmente cria um ambiente humano totalmente novo. E ambiente não é um envoltório passivo senão em processo ativo." (Ibidem)

"Com o alfabeto fonético, a sabedoria classificada sobrepôs-se à sabedoria prática de Homero e Hesíodo e à enciclopédia tribal. Educação através de dados classificados tornou-se o programa ocidental desde então." (Ibidem)

"Agora, porém, na era eletrônica, os dados classificados cedem lugar à determinação de tendências globais." (Ibidem)

* É um mundo (o atual) não de rodas, mas de circuitos (elétricos), não de fragmentos mas de conjuntos integrais." (Ibidem)

* "O "conteúdo" desse novo ambiente é o velho ambiente mecanizado da era industrial. O novo

ambiente está modificando o antigo tão radicalmente quanto a TV está modificando o cinema." (pág. IX)

* "A máquina transformou a Natureza numa forma de arte." (Ibidem)

* "Cada nova tecnologia cria um ambiente (sócio-histórico-econômico) considerado corrompido e degradado." (Ibidem)

* "Os homens nunca têm consciência das regras básicas de seus sistemas ambientais e culturais." (Ibidem)

* "A arte, como anti-ambiente, torna-se cada vez mais um meio de educar a percepção e o critério de julgamento." (Ibidem)

* "Estamos entrando numa nova era de educação programada para a pesquisa que descobre e não para a instrução." (pág. X)

* "Pois a TV forneceu um novo ambiente de baixo grau de orientação visual e alto grau de participação que torna a adaptação a nossos velhos métodos de educação muito difícil." (Ibidem)

"Há muito é ponto pacífico o poder da arte de antecipar o futuro social e os desenvolvimentos tecnológicos em mais de uma geração." (pág. XI)

...

Essas transcrições demonstram que McLuhan descobriu um novo conjunto de fatos condicionadores e motivadores do homem de nosso tempo. Parte da vivência verbal da gira para o conteúdo intuitivamente profético da arte e afirma o nascimento de uma realidade psicossocial criada pela eletrônica que vai sapando o "quadradismo" lógico das concepções vigentes em todo o mundo.

A era dos realistas, dos objetivos, dos práticos de vão curso está chegando ao fim sem que eles o percebam.

Na introdução à primeira edição há novas citações a fazer.

...

"Após três mil anos de explosão, por meio de fragmentação e tecnologias mecânicas, o mundo ocidental implode." "Hoje, após mais de um século de tecnologia elétrica, estendemos o nosso próprio sistema nervoso central num complexo global, abolindo o espaço e o tempo, ao menos no que se refere a nosso planeta." (pág. 19)

○ "Qualquer extensão, seja da pele, mão ou pé, afeta toda o complexo psíquico e social." (Ibidem)

○ "Hoje em dia ação e reação ocorrem quase ao mesmo tempo." (pág. 20)

○ "Na era da eletricidade, quando nosso sistema nervoso central estendeu-se tecnologicamente, envolvendo-nos com toda a humanidade, incorporando-a em nós, participamos necessariamente, em profundidade, das consequências de cada um de nossos atos." (pág. 20)

"Após três mil anos de explosão especializada e crescente especialização e alienação nas extensões tecnológicas de nosso corpo, nosso mundo tornou-se comprimido por uma inversão dramática." (pág. 20)

○ "Todas as culturas e todas as eras possuíram seu modelo favorito de percepção e conhecimento e tendiam a recebê-lo para tudo e para todos. A característica de nosso tempo é sua repugnância contra todas as fórmulas impostas." (pág. 21)

“O exame da origem e desenvolvimento das extensões individuais do homem deveria ser precedida por uma vista de olhos sobre alguns aspectos dos meios, ou extensões do homem, a começar pela nunca explicada insensibilidade que cada extensão provoca no indivíduo e na sociedade.”

• • •

McLuhan toca aqui na raiz de sua descoberta. O homem conhece o mundo agindo sobre ele. Para isso cria extensões de seus próprios sentidos aumentando seu conhecimento no espaço e no tempo.

A extensão criada provoca reações de que o homem não toma consciência, o “feed-back” não lhe chega à razão. O processo seguiu um método de fragmentar a realidade para melhor conhecê-la. A fragmentação tornou impossível a um só homem abranger o universo. **O conhecimento dividiu-se, especializando-se, o que multiplicou demográfica, econômica, geográfica, social e politicamente a capacidade do homem de abranger o mundo.**

Fê-lo dividindo o conhecimento e a si próprio sem o saber. A eletricidade, a princípio, acelerou o processo e, de repente, inverteu-o.

O universo global veio globalmente a alcançar todos os homens, isso porque a comunicação instantânea, em termos planetários, não é mais uma extensão de um dos sentidos ou membros do homem, mas do próprio sistema nervoso central de cada um.

Nosso próprio cérebro hoje abrange o mundo e não se integra pelos meios eletrônicos existentes.

• • •

O que transcrevi está no contexto das duas introduções. Quem não tiver familiaridade com as relações da tecnologia com as estruturas sociais e, principalmente, quem não conhecer a teoria da informação e como os homens são afetados pelos meios, deve começar por atualizar-se. As 318 páginas de “Understanding Media” não se destinam a leigos, mas a quem possua um grau de informação

capaz de perceber o mundo de conceitos interligados que servem de alicerce aos novos conceitos de McLuhan. Vejamos outras citações.

• • •

“A reestruturação do trabalho e da associação dos homens foi moldada pela técnica da fragmentação que é a essência da tecnologia da máquina. A essência da tecnologia da automação é o inverso. É integral e descentralizada em profundidade, exatamente como a máquina foi fragmentária, centralista e superficial ao modelar as relações humanas.” (pág. 23)

• “A luz elétrica é informação em estado puro”. (Ibidem)

• É (a luz elétrica) um meio sem “mensagem”... a não ser para a visão de um anúncio verbal ou um nome. Esse fato, característico de todos os meios, significa que o “conteúdo” de qualquer meio é sempre outro meio.” (Ibidem)

• “Pois a “mensagem” de qualquer meio ou tecnologia é a mudança de escala, rapidez ou modelo que intraduz nos assuntos humanos.” (pág. 24)

A inexistência de “mensagem” na luz conduz McLuhan à seguinte afirmação:

• “Esse fato apenas sublinha o conceito de que “o meio é a mensagem” porque é o meio que modela e controla a escala e a forma da ação e associação humanas.” (pág. 24)

• “A “mensagem” da luz elétrica é como a mensagem da força elétrica na indústria, totalmente radical, abrangente e descentralizada. Pois a luz e a força elétricas estão separadas de seu uso, no entanto, elas eliminam os fatores de

tempo e espaço na associação humana, exatamente como a fazem o rádio, o telégrafo, o telefone e TV, criando envolvimento em profundidade." (pág. 25)

"E o paradoxo da mecanização consiste em que, apesar de ser ela mesma causa do máximo de crescimento e mudança, o princípio da mecanização exclui a própria possibilidade de crescimento ou de compreensão da mudança." (pág. 27)

"Não há princípio de causalidade numa mera seqüência... nada se segue à seqüência, exceto a mudança." (pág. 27)

"O simples fato de o som se tornar visível no momento em que deixa de existir é um grande exemplo desse grande modelo de existência que revela novas e apostas formas exatamente quando as formas anteriores atingem o máximo de rendimento." (pág. 27)

* * *

Esses conceitos desmontam as vacuidades a respeito de "quem usa a máquina ou o meio condiciona seu resultado." O meio, ele mesmo, condiciona o resultado e os próprios homens que o usam, pensando controlá-lo e a seus semelhantes. O mesmo acontece com a tecnologia.

O homem não fica perplexo ante a extensão sensorial que obtém com a avanço tecnológico senão que sequer percebe o que lhe acontece com o fato — o "feed-back" o molda e ele não toma consciência do fenômeno.

O conceito, de certo modo, volta ao marxismo que considera que a forma de produção e as relações por ela condicionadas entre os homens determinam a superestrutura psicológica e política da sociedade.

McLuhan apresenta contradições em sua teoria. Cita De Tocqueville e Napoleão para demonstrar que a palavra escrita unificou a França e é mais poderosa que exércitos, enquanto a tradição oral, as instituições feudais e o Parlamento impediram que isso acontecesse na Inglaterra.

Em compensação apresenta dramáticos exemplos de choque entre a cultura "racional", em termos da linearidade lógica e o oralismo oriental.
Mais citações.

* * *

"A submersão de nativos em torrentes de conceitos para os quais nada os preparou é a ação normal de nossa tecnologia." (pág. 31)

"A velocidade elétrica mistura as culturas da pré-história com os detritos dos mercadólogos industriais, o iletrado com o semi-letrado e o pós-letrado." (pág. 31)

"Foi em nossos testes de inteligência (I.Q.) que apareceram as maiores torrentes que produzimos de padrões desconchavados." (pág. 31)

"O efeito da forma do cinema não tem relação com seu conteúdo. O "conteúdo" da escrita ou da imprensa é a fala mas o leitor está completamente alheio tanto à impressão quanto à fala." (pág. 32)

"Os efeitos da tecnologia não ocorrem no nível de opiniões ou conceitos, mas alteram os índices de sensibilidade ou modos de percepção rapidamente e sem qualquer resistência." (pág. 33)

"A palavra impressa criou o individualismo e o nacionalismo no século XVI." (pág. 34)

"Se o poder modelador dos meios está nos próprios meios, isso levanta um montão de grandes assuntos que apenas se podem mencionar aqui, mesmo que mereçam volumes. Entre outros, que os meios tecnológicos são produtos ou recursos naturais, exatamente como o carvão, o algodão e o petróleo." (pág. 35)

"Todos os romanos estavam rodeados de escravos. O escravo e sua psicologia inundaram a antiga Itália e cada romano tornou-se, intimamente e, por certo, inconscientemente, um escravo. Por viver constantemente na atmosfera de escravos, infectou-se inconscientemente com sua psicologia. Ninguém se pode proteger contra tal influência." (pág.35)

• • •

Quanto mais se aprofunda o exame de McLuhan, mais se sente a importância que ele concede ao condicionamento do homem pela tecnologia. É prova de que o determinismo e o fatalismo vestem estranhas roupagens no século da cibemética.

Ele reage contra isso, pois a inovação e o invento do homem, criando novos condicionadores do próprio homem, corroem o mecanicismo determinista.

Como todo inovador, McLuhan tende a criar sistema e nisso ele pertence, em nível cultural muito mais alto, à linhagem de Aldous Huxley com "Brave New World", Orwell com "1984" ou mesmo Jacques Ellul com "Technologie, l'enjeu du siècle".

É o sistema que falha, não a análise. De cada sistema filosófico o que fica é o instrumental que permite uma aproximação maior da verdade, é a contribuição à teoria do conhecimento que está na base de todos os sistemas e se esboroa, em parte, enquanto o sistema se esbarra de todo.

McLuhan não escapa à regra — seu sistema cai com a velocidade de nossa época eletrônica, antes mesmo de se consolidar como tal, mas deixa um rastro de ruínas de sistemas que ainda hoje são tomados a sério. O que não é pouco dizer, numa época em que o pensamento inovador parece ter encontrado catacumbas em computadores para ocultar-se.

Vejam, porém, mais alguns espécimens de McLuhan.

• • •

"Qualquer meio quente permite participação inferior ao meio frio, como uma conferência

permite participação menor que o seminário e o livro menor que o diálogo." (pág. 37)

"A forma quente exclui, a fria inclui."
(Ibidem)

• • •

São afirmações radicais com base em fatos, apenas McLuhan não conclui apontando as transições entre as formas quentes e frias, também baseadas em fatos, como o debate ao fim da conferência ou debate de leitores com o autor do livro.

• • •

"Pois o mito é a visão instantânea de um processo complexo que normalmente se estende por um longo período. Mito é contração ou implosão de qualquer processo e a velocidade instantânea da eletricidade confere dimensões míticas às ações industriais e sociais comuns de hoje. **Vivemos** miticamente mas continuamos a **pensar** fragmentariamente num único plano." (págs. 38-39)

De Kenneth Boulding transcreve: "O significado da mensagem é a mudança que produz na imagem." (pág. 39)

"A aceleração da velocidade do mecanismo para a forma instantânea elétrica inverte a explosão em implosão. Na nossa atual era elétrica as energias implisivas ou concentrantes de nosso mundo esbarram nas velhas e tradicionais formas de organização expansionista." (pág. 47)

"A eletricidade não centraliza, descentraliza. É como a diferença entre o sistema ferroviário e um complexo elétrico. Um necessita de estações, de trilhos e grandes centros urbanos. A eletricidade, disponível igualmente na sala da

diretoria e na residência rural, permite a qualquer lugar ser um centro, e não precisa de grandes aglomerações." (pág. 47)

"A linha de montagem será seguida pela fita magnética." (pág. 48)

"Hoje as estradas, além de seu ponto de ruptura, transformam as cidades em estradas e essas mesmas tomam um contínuo aspecto urbano." (pág. 49)

* * *

Essa questão da aceleração no tempo, que levou McLuhan a examinar e julgar nossa era através a instantaneidade elétrica, possui realmente importância decisiva. O conceito dialético da transformação qualitativa causada por acumulações quantitativas poderia ser o germe desse conceito, não fosse o processo dialético uma simplificação mecanicista da complexidade atualmente conhecida do universo em que vivemos.

Do relativismo einsteiniano, os quanta e hoje a teoria da impulsão, além das veredas novas do conhecimento em que os físicos e matemáticos embarafustam para vencer impasses teóricos, chega-se a ver no sistema tese-antítese-síntese mais uma das muitas simplificações do processo universal de que nos aproximamos sem atingir.

McLuhan é dos que abrem janelas para o infinito e obriga a revisar conceitos. Fê-lo "no peito e na marra", mas opôs-se em profundos conhecimentos do ser humano, de sua relação com a sociedade, dos meios de comunicação e do instrumental tecnológico de nosso tempo.

Freqüentemente parece o profeta da robotização para, logo após, mostrar o homem desligado da massificação.

Examina mecanismos psicológicos com segurança e mostra o paralelo entre a "fuga" de quem rejeita algo desagradável e a insensibilidade coletiva com relação às extensões tecnológicas do homem e a reação que sobre ele refluí através essas extensões.

Vejamos mais McLuhan.

* * *

"Psicologicamente, o homem, no uso normal da tecnologia (ou as várias extensões de seu corpo) é perpetuamente modificado por ela e, a seu turno, sempre encontra novos meios de modificar sua tecnologia. É como se o homem fosse o órgão sexual do mundo da máquina, como a abelha o é no mundo das plantas." (pág. 56)

"Fica explicado que os meios, ou extensões do homem, são agentes que "criam acontecimentos" mas não "criam consciência." (pág. 57)

"Soldado como está à tecnologia industrial do século XIX como base da libertação de classe, nada pode ser mais subversivo para a dialética marxista que a idéia de que os meios linguísticos modelam o desenvolvimento social tanto quanto os meios de produção." (pág. 58)

"Com a alfabetização o ponto de hibridar as culturas dos chineses, hindus e africanos, estamos perto de experimentar tal libertação de forças humanas e violência agressiva que a história anterior da tecnologia do alfabeto fonético vai parecer tímida." (pág. 58)

"A tecnologia eletromagnética requer total docilidade humana e quietude de meditação, como corresponde a um organismo que hoje usa seu cérebro fora da cabeça e seus nervos fora da pele." (pág. 64)

"Sab a tecnologia elétrica toda a tarefa do homem consiste em aprender e saber. Em termos do que ainda consideramos uma "economia" (palavra grega que significa a casa como unidade de produção), isso significa que todas as formas de emprego se tornam "aprendizado pago" e todas as formas de riqueza resultam do movimento de informação. O problema de descobrir ocupação ou emprego pode tornar-se tão difícil quanto a riqueza fácil." (pág. 65)

"... o homem, como observa Julian Huxley, ao contrário de criaturas meramente biológicas, possui um aparelho de transmissão e transformação baseado em sua capacidade de armazenar experiência." (pág. 66)

"Foi Bertrand Russell que declarou ser a grande descoberta do século XX a técnica de deixar em suspenso um julgamento. A. N. Whitehead, por outro lado, explica que a grande descoberta do século XIX foi a da técnica da descoberta." (pág. 68)

"Os novos meios e tecnologias pelos quais ampliamos e estendemos a nós mesmos constituem enorme cirurgia coletiva aplicada ao corpo social desprezando totalmente os antissépticos. Se as operações são necessárias, a inevitabilidade de infectar todo o sistema durante a operação deve ser pesada. Pois, ao operar sobre a sociedade com nova tecnologia, não é a área de incisão que mais se infecta. A área de incisão e impacto é insensível. É todo o sistema que é mudado." (pág. 70)

"De Wyndhan Lewis — "o artista está sempre ocupado em escrever uma história detalhada do futuro porque ele é a única pessoa consciente da natureza do presente" (Ibidem)

Sobre TV: "A tecnologia elétrica está diretamente relacionada com nosso sistema nervoso central, por isso é ridículo falar do que "o público quer" aplicado a seus próprios nervos." (pág. 73)

...

Esse envolvimento do ser humano pela tecnologia toma aspectos trágicos na lúcida exposição de McLuhan. Reagir contra o conteúdo dos meios eletrônicos, diz ele, seria como se olhos e ouvidos quisessem reagir contra a realidade do mundo de formas, cores e sons que os atingem.

Onde parece falho o símile é na fato de o mundo de formas, cores e sons ser ou não fruto do trabalho humano e os meios eletrônicos o serem.

Que à insensibilidade e à inconsciência possa e deva suceder o seu contrário parece estar mais na tendência do homem do que McLuhan admite.

Talvez nele mesmo persistam resíduos do mundo em explosão mecânica no qual o homem parece presa de forças sociais que desconhece. Foi do conhecimento dessas forças que nasceu o passo tecnológico que modificou o sistema de forças que o gerou. A consciência dos meios pode começar no artista, mas terminará no homem comum.

Talvez seja exatamente o fato de "nosso cérebro estar fora de nossa cabeça", o que traz o mundo para dentro dela, que determinará a supressão da insensibilidade quanto ao "feed-back" — Mesmo porque o valvém de ação e reação tem efeitos cumulativos e, como no computador, da "memória armazenada" nascem as respostas para as perguntas e problemas programados para a máquina.

A primeira parte do livro, de onde extraímos as citações, é uma discussão em profundidade e não linear da implosão de nosso tempo. É uma chibatada na passividade do homem ante sua tecnologia mas leva muito longe a noção dessa passividade.

Tem razão ao ridicularizar as que dão resposta simplista ao problema, ao dizer que depende do homem dar conteúdo ao meio. Não. Depende do homem tomar consciência do meio e da modificação que produz, pois o conteúdo é secundário. Não sei se o artista é o único que tem consciência do presente, como afirma McLuhan. Se o é, aí está o caminho para a tomada de consciência.

...

Estava a meio desse ensaio quando Ivan Lessa me deu um "Encounter" com trabalho de Bernard Bergonzi analisando McLuhan e traçando um paralelo com o jesuíta Walter J. Ong, que trabalha dentro da orientação básica de McLuhan. Os exageros quase dogmáticos de McLuhan são examinados face à mais cautelosa perquirição de Ong, mas reconhece Bergonzi a porta aberta pelos dois para uma reinterpretção de nosso mundo.

Parece que McLuhan esqueceu sua própria citação de Bertrand Russell sobre "suspended judgement" como a descoberta do século XX.

* * *

A segunda parte do livro, porém, tem a mesma ou maior importância. Aprofunda o estudo de meios e técnicas. Mostra o homem separando seu intelecto da vasta realidade pela palavra. Mostra a palavra escrita, separando o mundo oral do auditivo como um brutal processo de empobrecimento conceitual, principalmente a escrita alfabética ante a escrita ideográfica ou hieroglífica. Afirma:

"Culturas tribais como a indiana e a chinesa podem ser muito superiores à ocidental em extensão e delicadeza de percepção e expressão." (pág. 87)

Vai mostrando como o processo linear do alfabeto e da imprensa não corresponde à consciência do universo com as variáveis espaciais, donde a pobreza da lógica ante a complexidade do real.

Em compensação o alfabeto e a palavra impressa linearmente geram a fábrica, a linha de montagem, a divisão quase infinita do trabalho industrial multiplicando o que o homem faz.

Classifica esse contexto cultural que se alastrou para gerar nosso tempo como de homogeneidade, uniformidade e continuidade.

Mostra que as tecnologias são sempre extensões de nossos sistemas físico e nervoso para aumentar força e velocidade. É disso que nasce a explosão que o mundo sofreu nos últimos séculos até começar sua concentração ou implosão com a eletricidade.

O homem subdivide o trabalho como as letras nas palavras e subdividiu-se no processo. A homogeneidade, uniformidade e continuidade da palavra impressa, do processo industrial e dos processos lógicos dos homens passaram a moldar o próprio homem. A tecnologia criou a manufatura em série de mercadorias e pessoas, sem que estas tivessem consciência do fenômeno.

A velocidade crescente do processo foi derrubando sistemas anteriores e eliminando hiatos sociais onde penetrava. Esse processo é analisado lucidamente por Henri Prat em "La Métamorphose Explosive de l'Humanité", publicado na enciclopédia de "Planète." E nisso, somente nisso coincide com McLuhan. Mostra Henri Prat a aceleração de todos os processos na Terra nos últimos dois séculos e compara com os 10.000 anos de história e o milhão de anos de pré-história. Torna-se claro, através de McLuhan, o fenômeno posto em gráfico por Prat.

* * *

"A racionalidade ou consciência é, em si mesma, um índice ou proporção entre os componentes sensoriais da experiência." (pág. 109)

O contrário dialético aparece com frequência em McLuhan:

"O europeu, desde a Segunda Guerra, começou a acentuar os valores visuais; sua economia, não por coincidência, agora se apóia em enormes quantidades de produtos de consumo uniformes. O americano, por outro lado, começou a rebelar-se contra os valores do consumo uniformes pela primeira vez." (pág. 115)

"Pois o especialista é o que nunca faz pequenos erros enquanto caminha rumo à grande falácia." (pág. 118)

* * *

McLuhan, mosaicamente, iconograficamente, faz uma história sintética do homem como ser individual e como unidade social. Examina a palavra falada, escrita, estradas e rotas de papel, os números, a roupa, a casa, o dinheiro...

"O "trabalho", porém, não existe num mundo iletrado. O caçador ou pescador primitivos não trabalharam como não o fazem o poeta, o pintor ou pensador de hoje. Quando o homem está globalmente absorvido, não há trabalho." (pág. 129)

"A linguagem, como a moeda, atua como um depósito de percepção e transmissor de percepção e experiência de uma pessoa ou de uma geração para outra. Como tradutor e depósito de experiência, a linguagem é, além disso, um redutor e deformador da experiência." (pág. 131)

"A moeda, que por muitos séculos foi o principal transmissor e cambiador de informação, tem, agora, suas funções crescentemente transferidas para a ciência e a automação." (pág. 133)

...

Examina o relógio como medidor de unidades de duração, coisa inexistente em culturas iletradas. Mostra a divisão do trabalho e a divisão do tempo começando quase simultaneamente. A noção de tempo diferente em diferentes estágios culturais e a instantaneidade de nosso tempo.

"Pelas fitas magnéticas, a sincronização de qualquer número de diferentes atos pode ser simultânea." (pág. 141)

"Não foi o relógio, mas a alfabetização reforçada pelo relógio que criou o tempo abstrato e levou os homens a comerem, não quando tinham fome, mas na "hora" de comer." (pág. 143)

...

O condicionamento se desdobra através do tempo e a tecnologia de cada caso no livro de McLuhan. A palavra impressa, as histórias em quadrinhos.

"A imprensa é a "chave" do quadrinho, como este é a "chave" para a compreensão da imagem de TV." (pág. 151)

"O quadrinho (como explicado no capítulo da palavra impressa), sendo de baixa definição e

alta forma de expressão participante, adapta-se perfeitamente à forma mosaica do jornal." (Ibidem)

"Quando garotos de dez anos escolhem "MAD", indicam, a seu modo, que a imagem de TV terminou com a fase do consumidor da cultura americana." (pág. 153)

"Assim, todos os aparelhos elétricos, longe de serem instrumentos de economizar trabalho, são novas formas de trabalho, descentralizado e tornado acessível a todo mundo." (Ibidem)

...

A rede se estende, a descentralização alastra-se geograficamente, abrange nações e vai ocupando continentes. O ser humano passa da massificação anônima para a atomização solitária e solidária através dos meios.

O capítulo sobre a palavra impressa como causadora do nacionalismo é debatível como super-simplificação, mas dá lampejos de lucidez entre seus exageros.

"O mesmo espírito de iniciativa privada que animou autores e artistas a cultivarem a auto-expressão, levou outros homens a criarem gigantescas empresas, militares e comerciais." (pág. 157)

A velocidade em tudo, o telégrafo e o avião a jato vão derubando fronteiras nacionais e tornando obsoletas as organizações locais. A roda, a bicicleta e o avião, fases de universalização. O especialista se alastra tanto que gera o não-especialista.

A fotografia e seu impacto sobre nossos sentidos mostra um McLuhan que vê o artista como fotógrafo e nisso erra. Mas abre portas para a comunicação não-verbal, para o símbolo conceitual não-alfabético, para um novo tipo de ideograma, para o conceito não-literário.

A imprensa é uma forma confessional de grupo e o livro uma forma privada, com um "ponto de vista".

9791006

"A medida que aumenta a velocidade de informação, a tendência política é afastar-se da delegação e representação dos constituintes na direção de imediata participação de toda a comunidade nos atos centrais de decisão." (pág. 182)

"A medida que a automação se impõe, torna-se óbvia que "informação" é a mercadoria fundamental e que os produtos sólidos são puros incidentes no movimento de informação."

* * *

A rede, a teia eletrônica, vai envolvendo áreas cada vez mais amplas do planeta. O automóvel caminha, inevitavelmente para a extinção, pois a descentralização libera o homem do elemento nivelador social que ele representa e lhe retira validade econômica.

"Foi a TV que aplicou o grande golpe no automóvel americano. O automóvel e a linha de montagem se tornaram a expressão final da tecnologia de Guttenberg, isto é, de processos uniformes e repetidos aplicados a todos os aspectos do trabalho e da vida." (pág. 197)

Examina o anúncio como símbolo da compressão conceitual, da participação da experiência coletiva e afirma que nem há grupos de sociólogos capazes de reunir e condensar dados sociológicos como um grupo de publicitários. O anúncio é mais difícil de fazer que um jornal e uma revista inteiros, pois representa a implusão e não a explosão linear da imprensa escrita.

Jogos e esportes simbólicos da vida, a morte de uns e a prevalência de outros. A máquina de escrever e o telégrafo. O telex e o telefone. A vitrola e o cinema. O rádio e a televisão. As armas e a automação.

O homem vai sendo mudado, ocupa seu planeta como espécie. Os jovens reagem ao vazio de uma educação superada. Nada têm a ouvir ou a dizer a uma sociedade robotizada e buscam a comunicação não-verbal na música e na dança. O jovem vive num mundo global que os adultos não conscientizam.

"É parte da lógica elétrica e da automação que a especialização não se limite a uma especialidade." (pág. 309)

"Quanto mais complexa uma coisa, menos especializada." (Ibidem)

"A característica da automação elétrica é toda na direção de um retorno a uma habilidade anormal e à flexibilidade geral que nossas mãos possuem." (Ibidem)

"Daí o espectro do desemprego e da ausência de propriedade na era da eletricidade. Riqueza e trabalho tornam-se fatores de informação e estruturas totalmente novas são necessárias para dirigir um negócio ou relacioná-la com mercados e necessidades sociais." (pág. 310)

"O paradoxo da automação é tornar obrigatória uma educação liberal." (Ibidem)

"Subitamente os homens se tornaram caçadores nômades de conhecimento, mais nômades que nunca, mais informados que nunca, livres da especialização fragmentária como nunca e também totalmente absorvidos pelo processo social como nunca. Pois a eletricidade estendeu nosso sistema nervoso central globalmente, relacionando-o instantaneamente com toda a experiência humana." (págs. 310-11)

"A interdependência total é o fato inicial." (pág. 311)

* * *

Eis McLuhan. Foi estendendo os fios eletrônicos em torno do planeta com o homem em seu interior. Cobriu a velha Terra e nós ficamos dentro como clara, gema ou embrião. Somos um ovo eletrônico, em escala planetária. Significa isso algo?

Chegaremos a um novo tipo de estagnação integrada? A mente humana se tornará uma gigantesca, bilionária, mente coletiva intercambiando informação?
E o embrião?

Os primeiros passos no espaço parecem romper a crosta antes que ela se forme. O ovo ainda não é ovo. Os conceitos simétricos, filhos do formalismo lógico, não se estabeleceram ainda num ovo, em que só 1/3 dos homens se aproximam dos meios e da tecnologia que o condicionam.

E os 2/3 restantes? Absorverão essa tecnologia em tempo de se fechar a casca do ovo? Haverá algum fenômeno que esmague a casca em formação enquanto os homens comuns não adquirem a consciência dos artistas?

E, supondo-se que o homem consiga formar o ovo em escala planetária, eliminados a miséria, a doença, a ignorância e os conflitos de hoje, o que a tecnologia e a conscientização crescentes parecem tornar possível, que há depois? Em que se transforma o embrião? "Then what?" Desaparece a cidade e aparece o ovo pessoal?

E os milhões de jovens, em todo o mundo, que se rebelam contra o ensino e seus métodos, como se rebelam contra o modo de o mundo ser gerido, como e quando encontrarão o meio necessário para que "transportem informação", armazenem, transformem e transmitam dados até chegarem ao "aprendizado e conhecimento remunerados" que conduzirão à vida coletiva?

E que forma adquirirá a propriedade numa sociedade em que o emprego se consegue mais facilmente que a riqueza?

E que instrumental político se produzirá que, eliminando a representação e a delegação, coloca toda a comunidade participando das decisões centrais?

São perguntas tanto mais perturbadoras quanto sem resposta nas doutrinas correntes da democracia capitalista ou da ditadura comunista.

Em ambos os sistemas os jovens repelem e ridicularizam o "quadradismo" dos "velhos".

A insensibilidade coletiva em relação aos efeitos da tecnologia e dos meios impede a tomada de consciência sobre como eles atuam — a arte os torna evidentes, mas a comunidade não lhe absorve os conceitos.

97616003 / 1982

Que meio empregar para acelerar a tomada de consciência? Pois a aceleração dos processos talvez provoque as mudanças que hoje não se processam na consciência do homem. E como acelerar?

E, tomada essa consciência, que espécie de homem se torna o homem? Solitário e solidário, terá vencido o anonimato de massa, mas que guardará em si com relação ao semelhante? Relações funcionais de origem eletrônica?

McLuhan não aponta uma escala de valores éticos, mas o homem a tem apesar das mudanças de superfície.

E que vem depois do ovo — o cosmo?

Como viverão a compaixão, o amor, o ódio, o desespero, a esperança, a perplexidade? Como se comportará o homem ante o nascimento, a vida e a morte? E ante a fé religiosa e a descrença?

E os fenômenos trans-humanos, e a percepção extra-sensorial, a telepatia, a teleportagem e o novo conceito de hiperespaço?

Nascerão novos ovos eletrônicos?

Da opção possível entre a autodestruição e a idade de ouro de Henri Prat e o globalismo cibernético de McLuhan, onde a verdade mais viável?

E, em tudo isso, o homem, eterno ou moldado, como fica ante o novo mundo que ele próprio organiza sem saber? McLuhan não responde, mas ninguém foi mais longe que ele no desafio ao conhecimento e, mesmo quando erra, espicaça-nos em busca do acerto.

Convém refletir. Ciberneticamente.

I. P. de M.

Dezembro de 1969

O meio, ou processo, de nosso tempo — de tecnologia elétrica — está remodelando e reestruturando padrões de interdependência social e todos os aspectos de nossa vida pessoal. Por ele somos forçados a reconsiderar e reavaliar, praticamente, todos os pensamentos, todas as ações e todas as instituições anteriormente aceitos como óbvios. Tudo está mudando — você, sua família, sua vizinha, sua educação, seu emprego, seu governo, sua relação com os "outros". E essa mudança é dramática.

As sociedades sempre foram moldadas, mais pela natureza dos meios que os homens usam para comunicar-se que pelo conteúdo da comunicação. O alfabeto, por exemplo, é uma tecnologia absorvida pelas crianças de tenra idade de maneira inteiramente inconsciente, quase se poderia dizer por osmose. As palavras e o significado das palavras predis põem a criança a pensar e agir automaticamente de certa maneira. O alfabeto e a tecnologia da imprensa fomentaram e encorajaram um processo de fragmentação, de especialização e de alienação. A tecnologia elétrica fomenta e encoraja o envolvimento e a integração. É impossível compreender as transformações sociais e culturais sem o conhecimento de como funcionam os meios.

O processo mais antiquado da observação tornou-se completamente irrelevante nestes tempos novos, porque se baseia em reações psicológicas e conceitos condicionados pela tecnologia de outrora — a mecanização.

Confusões inumeráveis e um profundo sentimento de desespero emergem invariavelmente nos períodos de grandes transições tecnológicas e culturais. A nossa "Idade da



**Em 1966 foram comprados nos Estados Unidos
30 milhões de cominhos de brinquedo**

Angústia" é, em grande parte, o resultado de se tentar cumprir as tarefas de hoje com as ferramentas de ontem — com os conceitos de ontem.

A juventude compreende instintivamente o ambiente atual — o drama elétrico. Ela vive miticamente e em profundidade. Esta a razão para a profunda alienação entre as gerações. Guerras, revoluções, guerras civis são as faces confrontantes dentro do novo ambiente criado pelos meios informativos elétricos.

"No estudo das idéias, é necessário recordar que a insistência em teimosos problemas de clareza deriva de percepções sentimentais, como se fosse uma bruma envolvendo as perplexidades do fato. A insistência na clareza a qualquer custo baseia-se em pura superstição quanto à maneira de funcionamento da inteligência humana. Nosso raciocínio agarra-se em ninharias como premissa e flutua em toa para deduções." A. N. Whitehead, "Adventures in Ideas".

O nosso é o tempo de romper barreiras, de suprimir velhas categorias — de fazer sondagens em todas as direções. Quando dois elementos, aparentemente disparatados, são equilibrados, justapostos de modo novo e único, freqüentemente acontecem surpreendentes descobertas.

O estudo, o processo educacional, esteve durante muito tempo associado somente com a tristeza. Costumamos falar do estudante "sério". Nossa época apresenta uma oportunidade única de aprender por meio do humor — uma piada aguda e incisiva pode conter mais significado que as baboseiras acumuladas entre as capas de um livro.

"O Meio são as Massa-gens" é uma vista de olhos para ver o que está acontecendo.

É uma colido-oscopia de situações contrapostas.

Os estudiosos dos meios são persistentemente atacados como alienados, preguiçosamente concentrados em meios e processos em vez de "conteúdo". As rápidas e dramáticas mudanças do "conteúdo" esquivam-se desses acusadores. A sobrevivência tornou-se impossível se o exame do ambiente, o drama social, se faz com um ponto de vista fixo e imutável — apenas uma estúpida reação tautológica para o que não se percebe.





você

Quando você ganha? Alguma vez pensou em suicídio? Hoje você é ou alguma vez foi...? Tenho aqui diante de mim... Os instrumentos de informação elétrica destinados a uma vigilância universal, tirânico, do berço à tumba estão produzindo um seríssimo dilema entre nossa aspiração de isolamento e a necessidade da comunidade de saber. As velhas idéias tradicionais de pensamentos e ações particulares e isoladas — padrões das tecnologias mecânicas — estão seriamente ameaçadas pelos novos métodos de instantânea recuperação de informações, pelos registros e memórias dos processadores de dados elétricos — essa enorme coluna de mexericos que nada perdoa, nada esquece, da qual não há redenção, e da qual não se apagam os erros da mocidade. Já atingimos um ponto em que é necessário aplicar remédios e corretivos, nascidos do conhecimento dos meios e seus efeitos globais sobre todos nós. Como deve ser "programada" o novo ambiente, agora que estamos tão comprometidos uns com os outros, agora que todos nós nos transformamos em forças inconscientes da transformação social? O que é esse trrrriiiiiimm?





sua família

O círculo familiar se ampliou. O fundo mundial de informações gerado pelos meios elétricos — cinema, satélites, vôos — supera de muito qualquer possível influência que mamãe ou papai possam exercer. O caráter já não é moldado somente por dois enérgicos especialistas tateantes. Agora todo mundo é um sábio.





sua vizinhança

Os sistemas de circuitos elétricos derrubaram o regime de "tempo" e "espaço" e despejam sobre todos nós instantaneamente e continuamente as preocupações de todos os outros seres humanos. Eles reconstituíram o diálogo em escala global. Sua mensagem é Mudança Total, dando fim ao paroquialismo psíquico, social, econômico e político. Os antigos grupamentos cívicos, estatais e nacionais tornaram-se impraticáveis. Nada mais distante do espírito da nova tecnologia que "um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar". Você já não pode voltar para **casa** de novo.



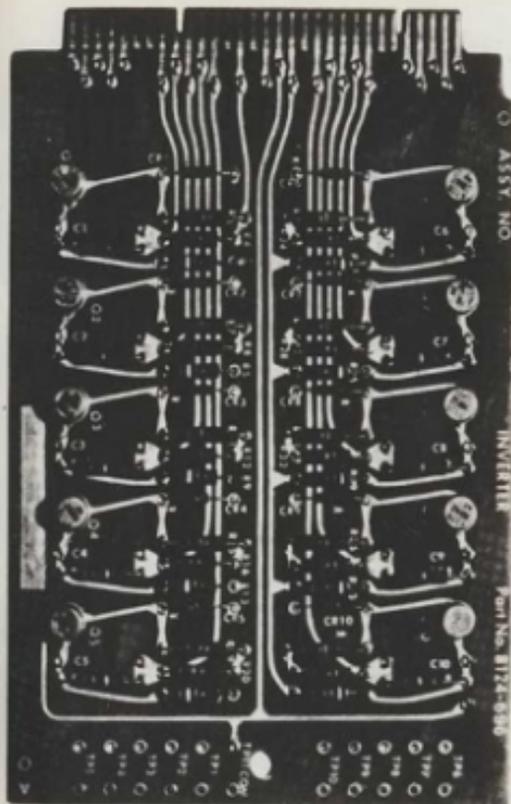


sua educação

Há um mundo de diferença entre o moderno ambiente do lar de informação elétrica integrada e a sala de aula. Hoje a criança da televisão está sintonizada para as notícias "adultas" de última hora — inflação, desordens de rua, guerra, impostos, crime, belezas em biquíni — e fica desorientada quando penetra no ambiente do século dezenove que ainda caracteriza o organismo educacional, onde a informação é escassa mas ordenada e estruturada em padrões, assuntos e programas fragmentados e classificados. Esse é, naturalmente, um ambiente muito semelhante ao de uma fábrica com seus depósitos e linhas de montagem.

A "criança" é uma invenção do século dezanove; ela não existia, digamos, no tempo de Shakespeare. Ela havia, até àquela época, estado fundida com o mundo adulto e nada havia que pudesse ser chamado de infância no sentido que damos à palavra.

A criança de hoje cresce em absurdo porque vive em dois mundos, nenhum dos quais a impede a "crescer". "Crescer" — essa é nossa nova tarefa, e ela é total. A simples instrução já não é suficiente.



seu emprego



Quando esse circuito aprender seu trabalho, que é que você vai fazer? "Emprego" representa um padrão relativamente recente de trabalho. Do século quinze ao século vinte há um progresso permanente na fragmentação dos estágios do trabalho que constitui a "mecanização" e a "especialização". Esses procedimentos não servem para a sobrevivência ou para a sanidade mental nestes novos tempos.

Sob as condições dos sistemas de circuitos elétricos, todos os padrões de trabalho fragmentado tendem a combinar-se mais uma vez em "papéis" ou formas de trabalho comprometidos e exigentes que mais e mais se parecem com ensino, aprendizado e serviço "humano", no antigo significado de lealdade dedicada.

Infelizmente, muitos programas de reforma política bem-intencionados, que visam a aliviar os sofrimentos causados pelo desemprego, denotam completa ignorância sobre a verdadeira natureza da influência dos meios.

"Entre em minha sala de visitas", disse o computador ao especialista.

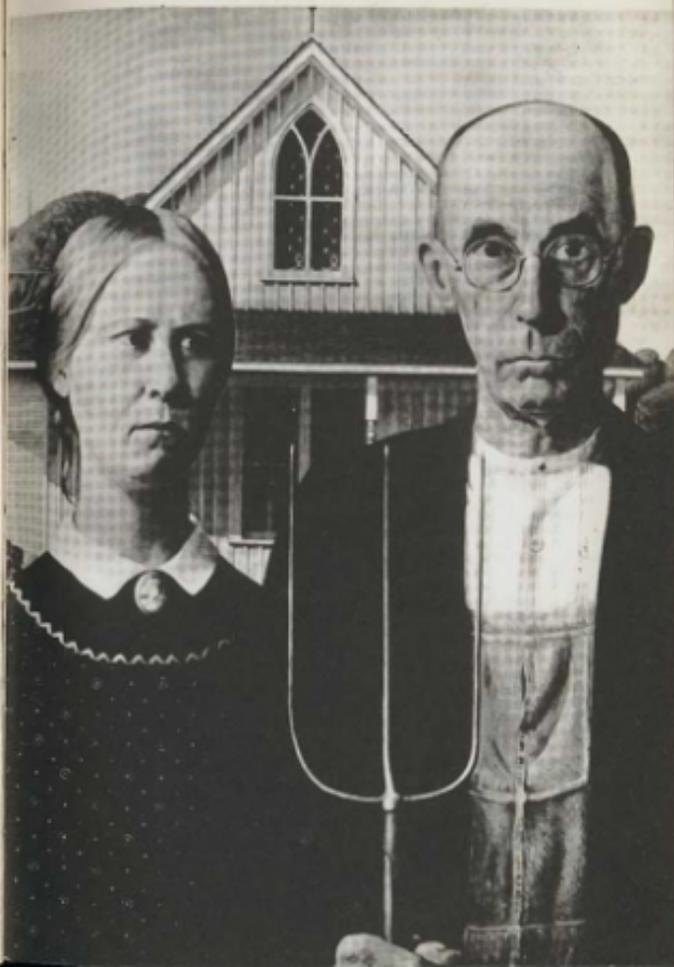


seu governo



Contar cabeças, estatística, parte predileta do processo de fragmentação do século dezoito, tornou-se, rapidamente, uma forma de aferição social incômoda e ineficiente num meio ambiente de velocidades elétricas instantâneas. O público, no sentido de um grande aglomerado de pontos de vista diferentes e separados, terminou. Hoje em dia, a audiência de massas (herdeira do "público") pode ser usada como força criativa e participante. Em vez disso, são-lhe oferecidos blocos de divertimento passivo. A política oferece as respostas de ontem para os problemas de hoje.

Começa a germinar uma nova forma de "política" e, de certa maneira, nós ainda não percebemos. A sala de estar se transformou em cabine eleitoral. A participação, por intermédio da televisão, em Marchas da Liberdade, guerra, revoluções, poluição e outros acontecimentos, está mudando tudo.



"os outros"



O susto da percepção! Num meio ambiente de informação elétrica, as minorias não mais podem ser contidas — ignoradas. Muita gente sabe demais sobre cada um. Nosso novo ambiente compele à participação e ao engajamento. Hoje em dia estamos irrevogavelmente envolvidos com, e responsáveis por, cada um dos outros.

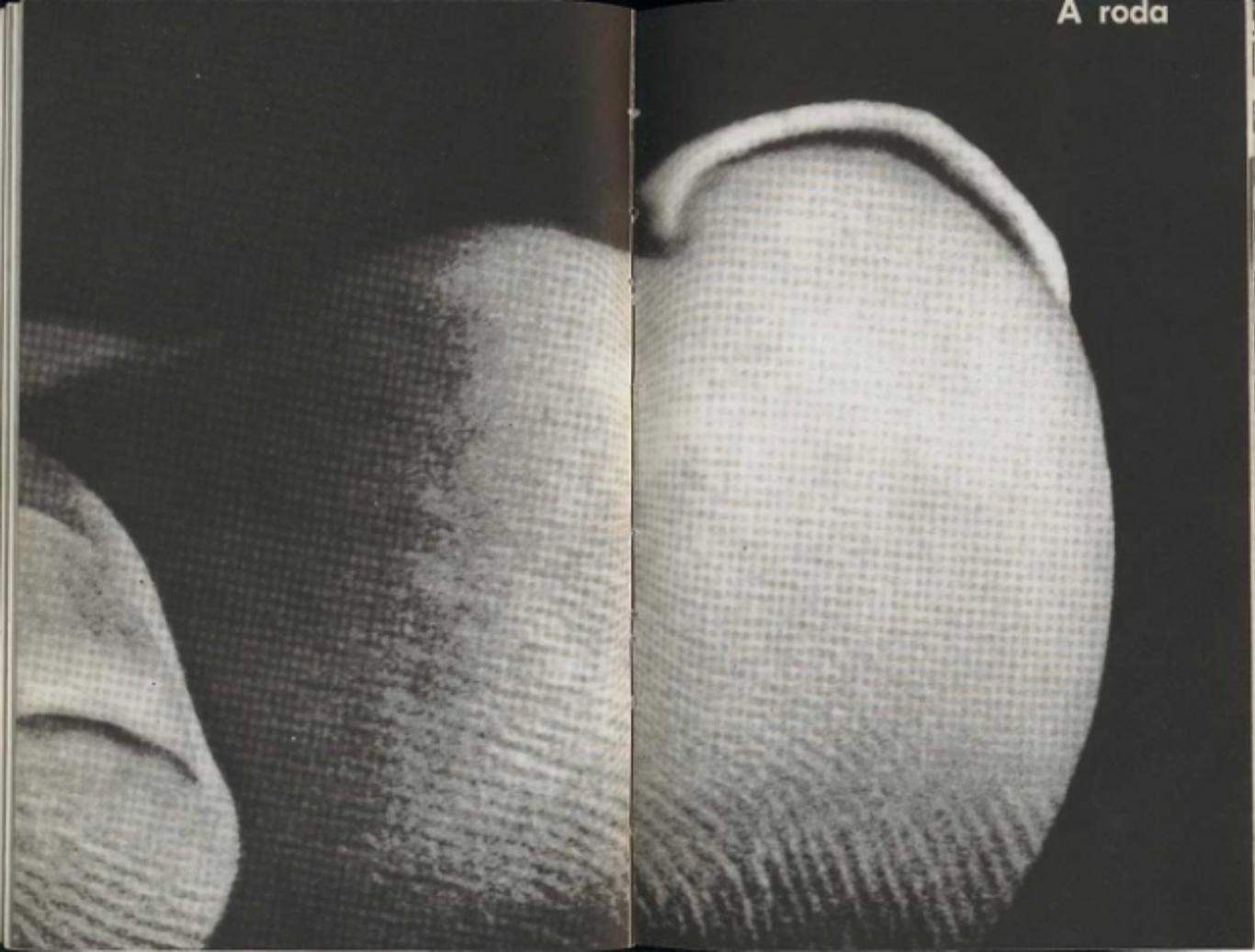
Não há
absolutamente
inevitabilidade
desde
que
tenhamos
a
disposição
de
contemplar
o
que está
acontecendo

Todos os meios agem sobre nós de modo total. Eles são tão penetrantes que suas conseqüências pessoais, políticas, econômicas, estéticas, psicológicas, morais, éticas e sociais não deixam qualquer fração de nós mesmos inatingida, intocada ou inalterada. O meio é a massa-gem. Toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios como meio ambiente.

**Todos
os meios
são
prolongamentos
de
alguma
faculdade
humana —
psíquica
ou
física.**







.. é um
prolongamento
do pé



o livro



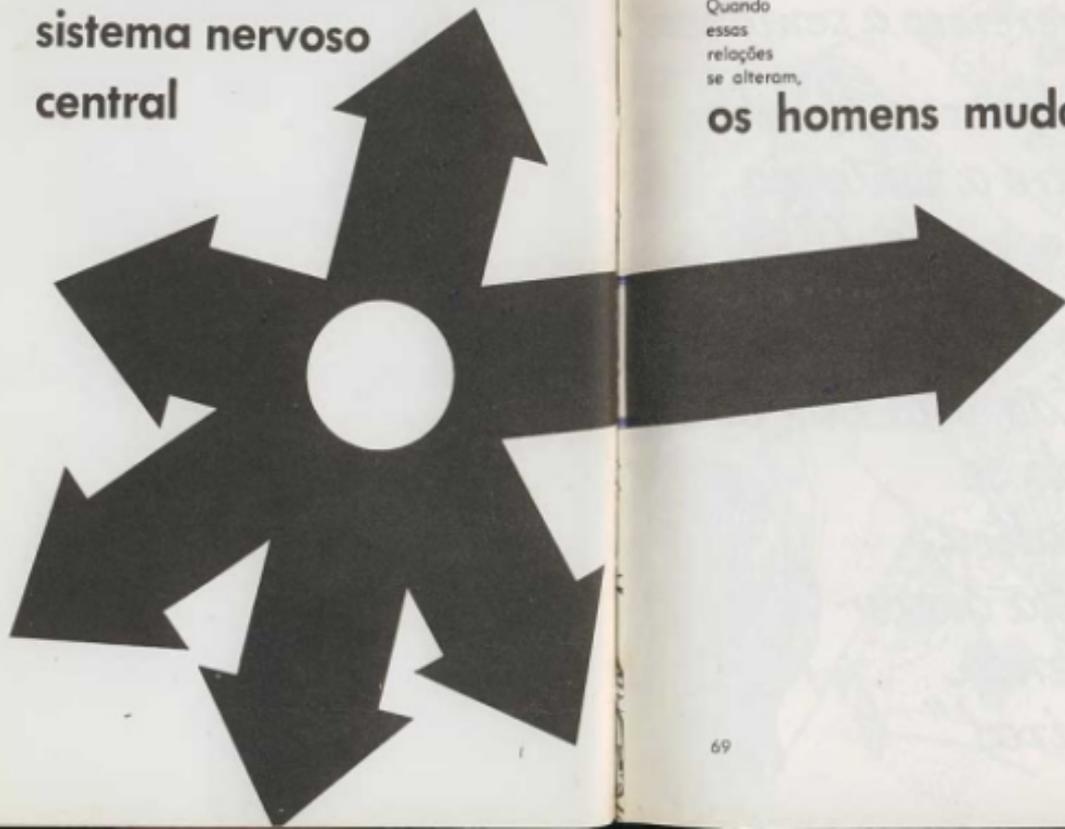
... é um prolongamento do olho





a roupa é um prolongamento da pele

**os circuitos elétricos,
um prolongamento do
sistema nervoso
central**



Os meios, ao alterar o meio ambiente, fazem germinar em nós percepções sensoriais de agudeza única. O prolongamento de qualquer de nossos sentidos altera nossa maneira de pensar e de agir — o modo de perceber o mundo.

Quando
essas
relações
se alteram,

os homens mudam.

Agora, vejamos as provas, "disse o Rei,"
"e então veremos a sentença"

"Não!" disse a Rainha,
"primeiro a sentença,
depois a prova!"

Que bobagem! Gritou
Alice, tão alto que todo
mundo se
sobressaltou,
"que idéia querer
a sentença
primeiro!"



O órgão dominante de orientação social e sensorial nas sociedades anteriores ao alfabeto era o ouvido — “ouvir era crer.” O alfabeto fonético forçou o mundo mágico da audição a ceder lugar ao mundo neutro da visão. O homem recebeu um olho em troca do ouvido.

A história ocidental foi modelada durante cerca de três mil anos pela introdução do alfabeto fonético, um meio que depende somente dos olhos para levar à compreensão. O alfabeto é um edifício construído com pedaços fragmentados e partes que não possuem significado semântico em si mesmos, e que devem ser atados em comum numa linha, como as contas de um rosário, e em ordem preestabelecida. Seu uso estimulou e encorajou o hábito de percepção do meio ambiente em termos visuais e espaciais — particularmente em termos de um espaço e um tempo que são uniformes,

c, o, n, t, i, n, u, o, s

e

i.n.t.e.r.l.i.g.a.d.o.s

A linha, o continuum

esta frase é um exemplo de primeira ordem —

“O olho — não tem escolha senão ver;
Não podemos dizer ao ouvido que fique quieto;
Nossos corpos sentem, onde quer que estejam,
contra ou com a nossa vontade”

— Wordsworth

tornou-se o princípio orgânico da vida. “Conforme começamos, assim prosseguimos.” A “racionalidade” e a lógica passaram a depender da apresentação de fatos ou conceitos interligados e em seqüência.

Para muita gente a racionalidade possui a conotação de uniformidade e interligação. “Não consigo acompanhar seu raciocínio”, quer dizer “eu não acho que o que você está dizendo é racional”.

O espaço visual é uniforme, contínuo e interligado. O homem racional de nossa cultura ocidental é um homem visual. O fato de que a maior parte da experiência consciente possuía pouca “visualidade” perde-se para ele.

Racionalidade e visualidade há muito tempo são termos intercambiáveis, mas já não vivemos mais num mundo fundamentalmente visual.

A fragmentação das atividades, nosso hábito de pensar em pedaços e partes — a “especialização” — refletiram, passo a passo, processo de departamentalização linear inerente à tecnologia do alfabeto.

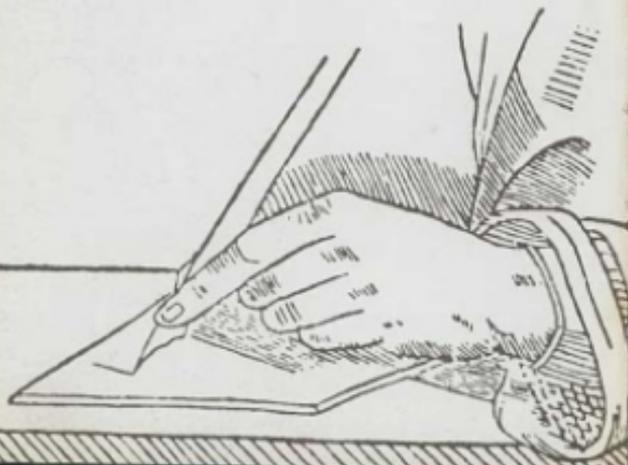


... "conforme começamos, assim prosseguimos".

Até à invenção da escrita, o homem vivia num espaço acústico: ilimitado, não-orientado, desprovido de horizonte, na obscuridade da mente, no mundo da emoção por intuição primordial, pelo terror. A palavra é a cartografia social desse pântano.

A pena de ganso pôs fim à palestra. Ela aboliu o mistério; produziu a arquitetura e as cidades; trouxe estradas, exércitos e a burocracia. Era a metáfora básica com a qual começava o ciclo da civilização, o passo das trevas para a luz da mente. A mão que enchia uma página de pergaminho construía uma cidade.

De onde se ergueu a maravilhosa arte mística,
de pintar as palavras, e falar aos olhos?
pois nós, ao aprendermos a traçar linhas mágicas,
podemos dar corpo e cor ao pensamento?



A imprensa, um artifício duplicador



A herança da Renascença

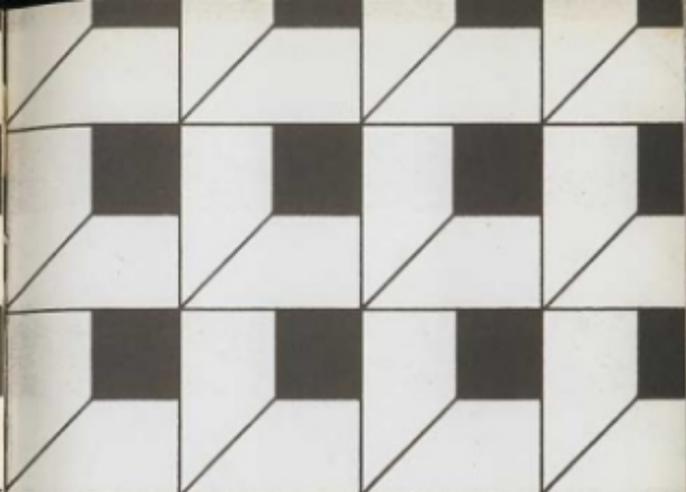
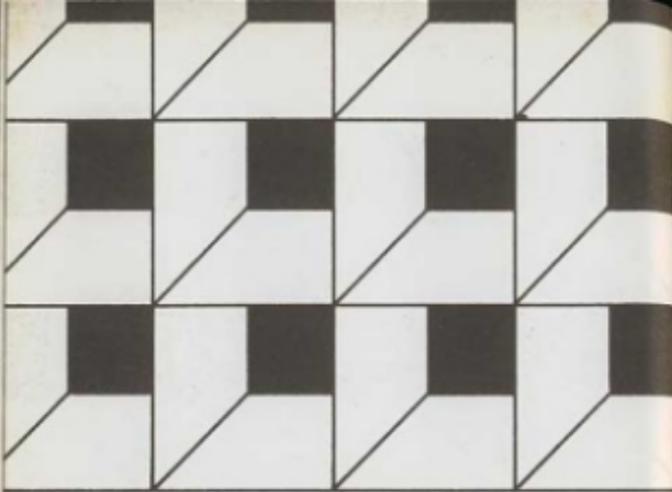
O ponto de fuga = auto-anulação

O observar desinteressado

Nenhum comprometimento!

O observador da arte renascentista está sistematicamente colocado fora da moldura da experiência. Uma piazza para tudo e tudo em sua piazza.

O mundo instantâneo das meios de informação elétricos envolve-nos a todos, todos de uma só vez. Não é possível desprender-se da moldura.



ocupações e interesses produz a
de comumente chamado "prática"
"fazer" executivo. Cada uma
para seu próprio lugar, no dual

a anatomia da experiência sup-
inertes á prática constituição

— John Dewey

"...a compartimentalização de
separação entre o tipo de atividade
e a "percepção" e imaginação do
dessas atividades é designada
se deve manter.

As vezes que escrevem sobre
em, então, que essas divisões são
da natureza humana."

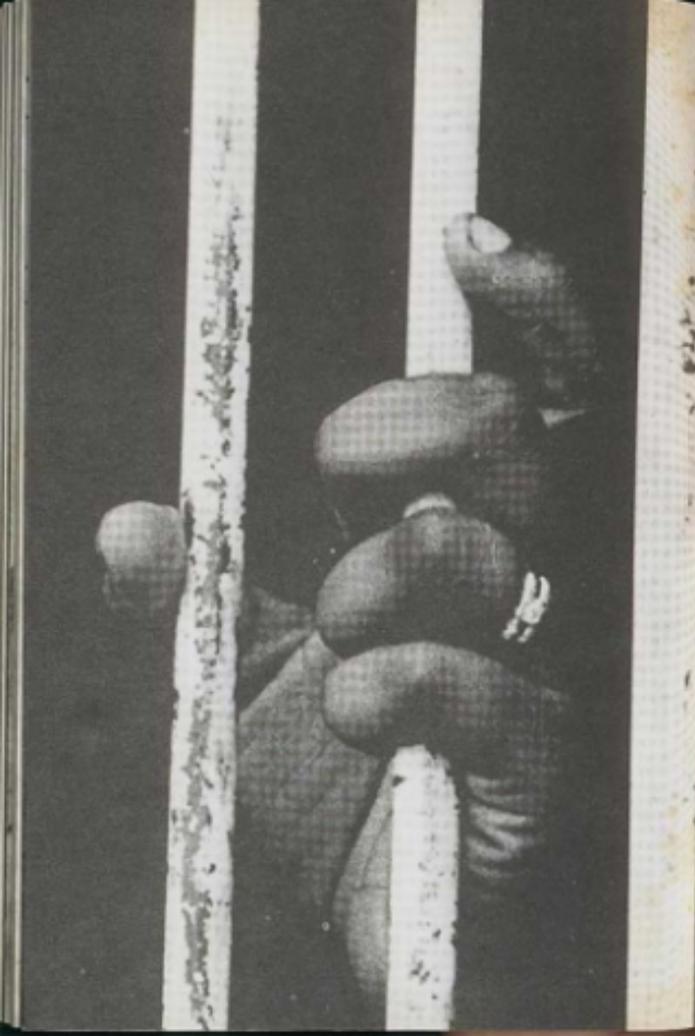


Os circuitos elétricos estão re-criando em nós a orientação multidimensional do espaço dos "primitivos".
preconceitos formais literários ou visuais.)
cérgos sensoriais ainda não tenham sido candidatas por
em idade pré-escolar — a criança cujas espontâneas per-
cusa aceitar como estudante quem não seja uma criança.
(Carl Orff, famoso compositor alemão contemporâneo, re-
deseja representar.
visuais até que eles expliquem completamente o que ele
fista primitivo reforce e inclina todos os possíveis aspectos
do bloco, mas, também, o que está por baixo dele. O or-
flutuante de gelo mostrará, não apenas o que está em cima
vem. O desenho de um homem cogendo foca num bloco
Eles mostram tudo que sabem e não apenas aquilo que



Os povos primitivos, orientares do otobeto, integram tempo
e espaço em um único conceito e vivem, de preferência,
num espaço acústico, sem horizonte, limitado e olfativo
mais do que num espaço visual. Sua apresentação gráfica
é como um raio-X.
da vista está profundamente enraizado na consciência do
arte ocidental.
ria — como uma condição absoluta de ordem. O sentido
aceitava o domínio do vertical e do horizontal — da sime-
composta de unidades formais de medida espacial. Ele
de uma projeção em perspectiva sobre uma superfície plana
valor. Sua percepção do espaço se processava em termos
temos visuais. Tudo ficava subordinado ao olho do obser-
artista ocidental tomava conhecimento de seu ambiente em
pelo modo de perceber o espaço. Desde o Renascimento o
A Arte, ou produção gráfica de uma cultura, é modelada





"Uma cela para cidadãos centarem".

A idéia da detenção num espaço fechado como forma de ação humana punitiva e corretiva parece ter aparecido bem nos séculos treze e quatorze — ao mesmo tempo em que a perspectiva temporal e o espaço pictorial se desenvolviam em nosso mundo ocidental. Toda a concepção da clausura como meio de contenção e como meio de classificação não funciona bem em nosso mundo eletrônico. O novo sentimento que as pessoas experimentam sobre a culpa não é coisa que possa ser atribuída a determinado indivíduo, porém, de preferência, algo de que todos participam de maneira misteriosa. Esse sentimento parece estar voltando a nosso meio. Nas sociedades tribais, dizem-nos, é uma reação familiar, quando ocorre um acontecimento horrendo, as pessoas dizem "Como deve ser horrível sentir desse modo," em lugar de culpar alguém por ter feito qualquer coisa horrível. Esse sentimento é um aspecto da nova cultura de massa em que começamos a entrar — um mundo de comprometimento total no qual todos estão tão profundamente integrados com todos os outros e no qual ninguém pode realmente imaginar o que possa ser culpa individual.



O nosso é o mundo novo do tudoagora. O "tempo" cessou, o "espaço" desapareceu. Vivemos hoje numa aldeia **global**... num acontecer simultâneo. Estamos de volta ao espaço acústico. Começamos de novo a estruturar o sentimento primordial, as emoções tribais de que alguns séculos de literacidade nos divorciaram.

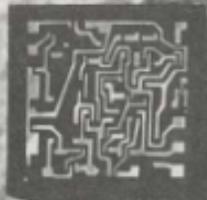
Fomos obrigados a desviar o esforço de atenção da ação para a reação. Hoje temos que saber antecipadamente as conseqüências de qualquer diretriz ou ação, pois os resultados nos chegam de volta sem demora. Devido à rapidez da eletricidade, não podemos mais esperar para ver o que acontece. George Washington comentou certa vez: "Nada soubemos de Benjamim Franklin este ano de Paris. Precisamos escrever uma carta a ele."

Com as altas velocidades das comunicações elétricas, os meios puramente visuais de tomar conhecimento do mundo não são mais viáveis; são demasiado lentos para serem relevantes ou eficientes.

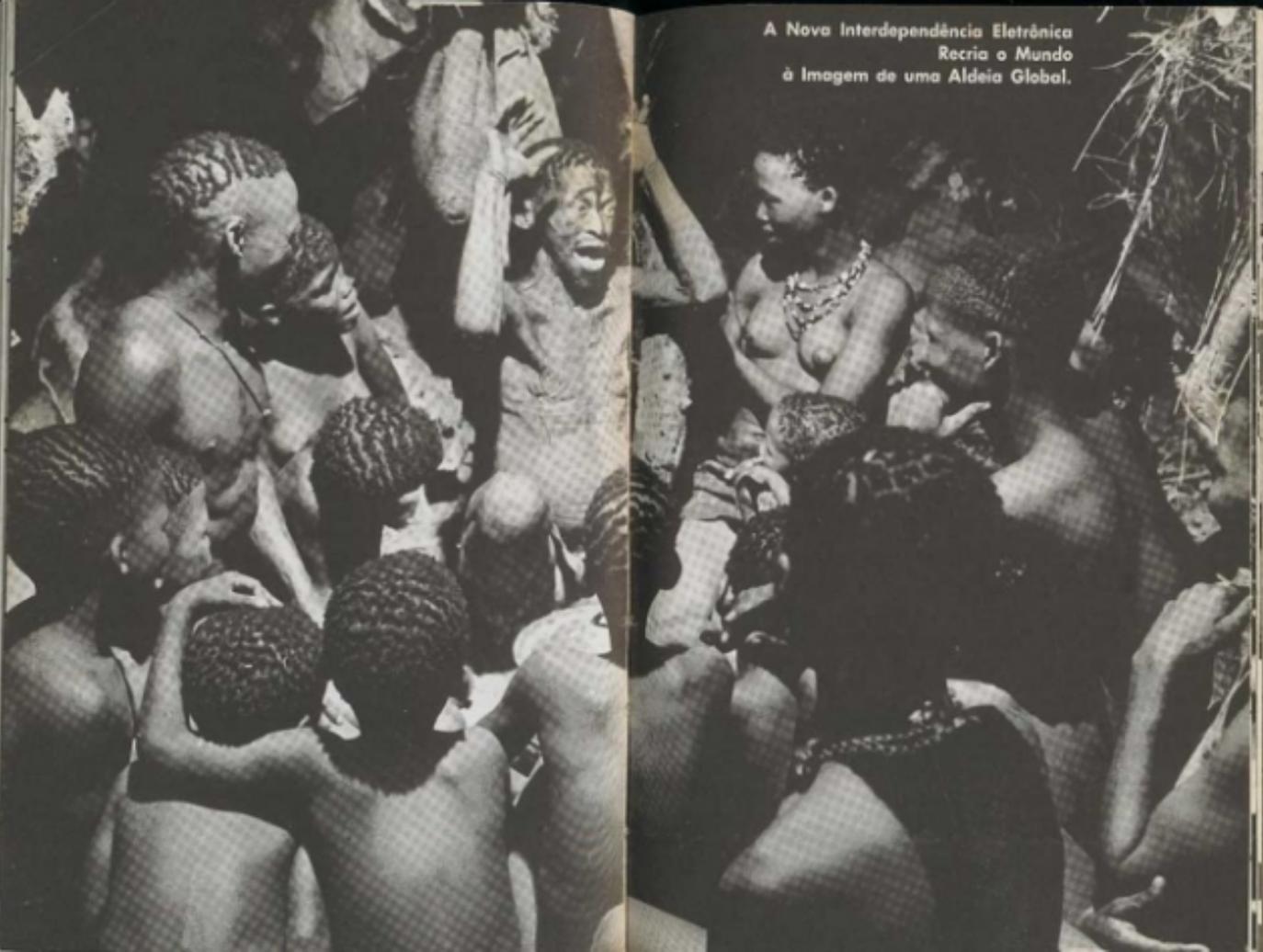
Infelizmente, nosso confronto com essa nova situação se dá com um enorme acúmulo de reações mentais e psicológicas obsoletas. Ficamos dependurados. Nossas palavras e nossos pensamentos mais correntes nos atraíam — dão-nos como pontos de referência o passado e não o presente.

O sistema de circuitos elétricos entrelaça os homens uns com os outros. As informações despencam sobre nós, instantaneamente e continuamente. Tão pronto se adquire um novo conhecimento, este é rapidamente substituído por informação ainda mais recente. Nosso mundo, eletricamente configurado, fez-nos abandonar o hábito de dados classificados para usar o sistema de identificação de padrões. Não podemos mais construir em série, bloco por bloco, passo a passo, porque a comunicação instantânea garante que todos os fatores ambientais e de experiência coexistem num estado de ativa interação.

Circuito Integrado Sólido
Ampliado Algumas Centenas de Vezes.



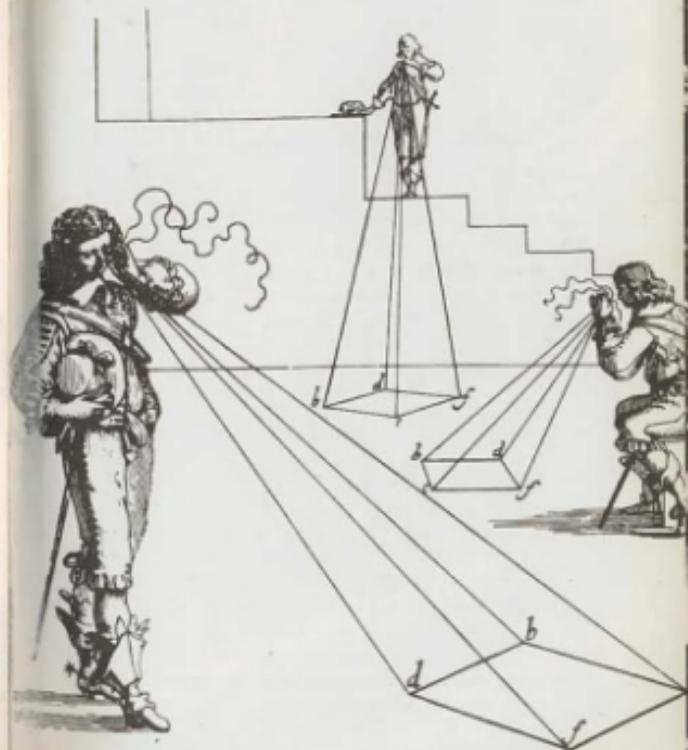
A Nova Interdependência Eletrônica
Recria o Mundo
à Imagem de uma Aldeia Global.



Hoje em dia temos consciência da possibilidade de organizar todo o ambiente humano como uma obra de arte, como uma máquina de ensinar desenhada para levar ao máximo a percepção e tornar o aprendizado quotidiano um processo de revelação. A aplicação desse conhecimento seria o equivalente do termostato controlando a temperatura da sala. Nada seria mais razoável que estender esses controles a todos os limiares sensoriais de nossos seres. Nenhuma razão temos para sermos gratos com relação àqueles que evitam esses limiares em nome de inovações acidentais. Um astrônomo, enquanto olhava através de um telescópio de 200 polegadas, exclamou que ia chover. Seu assistente perguntou: "Como é que o senhor sabe?" "Porque meu calo está doendo."

Os meios ambientais não são envolturas passivas, são processos ativos que são invisíveis. As regras básicas, as estruturas penetrantes e os padrões globais dos meios ambientais escapam à percepção fácil. Anti-ambientes, ou contra-situações criadas por artistas oferecem meios de dirigir a atenção e nos permitem ver e entender mais claramente. A interação entre o velho e o novo ambiente cria muitos problemas e confusões. O obstáculo principal para uma clara compreensão dos efeitos dos novos meios é nosso hábito profundamente arraigado de encarar todos os fenômenos sob um ponto de vista determinado. Costumamos dizer, por exemplo, "ganhar perspectiva". Esse processo psicológico provém inconscientemente da tecnologia da imprensa. A tecnologia da imprensa criou o público. A tecnologia elétrica criou a massa. O público se compõe de indivíduos isolados que andam por aí com pontos de vista individuais determinados. A nova tecnologia exige que abandonemos o luxo dessa posição, esse ponto de vista fragmentário.

O método de nosso tempo não é usar um único modelo de investigação, mas muitos — a técnica do julgamento em suspensão é a descoberta do século vinte, como a técnica da invenção foi a descoberta do século dezoito.





*"Não é que me desagradem os acontecimentos correntes.
É que eles têm sido tantos ultimamente."*



O fim da linha

A ferrovia alterou radicalmente os enfoques e padrões sociais de interdependência. Deu à luz e alimentou o Sonho Americano. Criou novos mundos, inteiramente novos, urbanos, sociais e familiares. Novas maneiras de trabalhar. Novos processos de gestão de empresas. Nova legislação.

A tecnologia da ferrovia criou o mito de um mundo de verdes prados de inocência. Satisfez o desejo do homem de retirar-se da sociedade, simbolizada pela cidade, para um ambiente rural onde pudesse readquirir sua individualidade natural e animal. Era o ideal pastoral, um mundo jeffersoniano, uma democracia agrária que deveria servir de modelo para uma política social. Em vez disso, deu-nos subúrbios sombrios e seu último símbolo — o aparador de grama.

A cidade do futuro, de circuitos elétricos, não será esse fenomenal aglomerado de propriedade imobiliária criada pela ferrovia. Ela adquirirá um significado inteiramente novo sob condições de movimentação extremamente rápida. Será uma megalópolis de informação. O que resta da configuração das cidades "anteriores" se parecerá muito com as Feiras Mundiais — lugares onde se exibem novas tecnologias, não lugares de trabalho ou de moradia. Serão conservadas como museus, como monumentos da era ferroviária. Se jogássemos fora as cidades hoje, a sociedade futura as reconstruiria como outras tantas Williamsburgs.





O passado foi embora naquela direção. Quando confrontados com uma situação inteiramente nova, tendemos a ligar-nos aos objetos, ao sabor do passado mais recente.

Olhamos o presente através um espelho retrovisor. Caminhamos de costas em direção ao futuro. Os subúrbios vivem imaginariamente na terra de Bonanza.

Quando
informação
se
roça
com
informação...



os resultados são
surpreendentes e efetivos.
A busca perene
da participação,
do 'pertencer',
toma muitas formas.



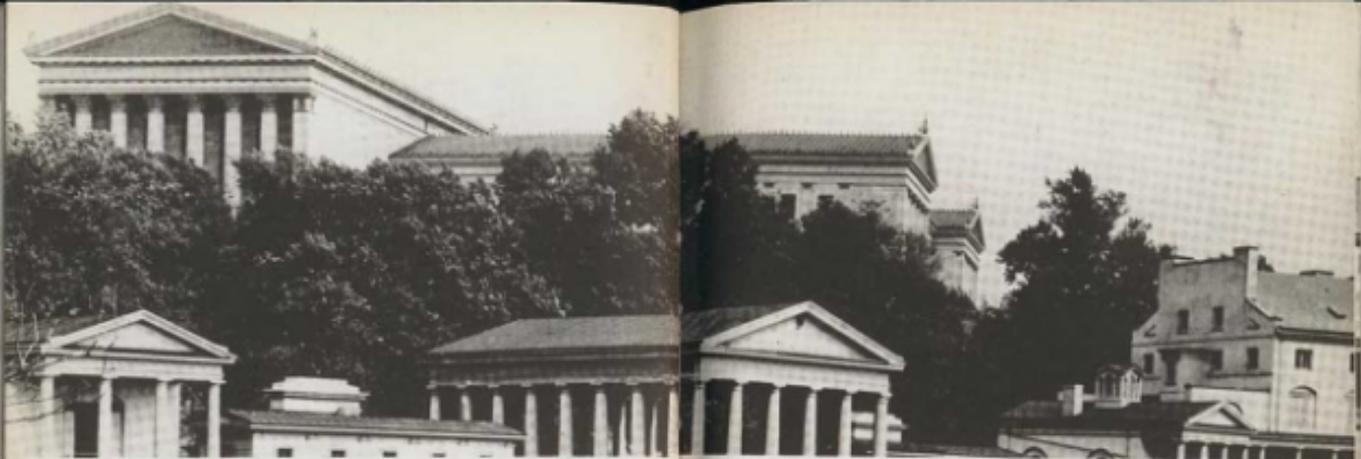
As estrelas são tão grandes,
a Terra é tão pequena.

Fique como está



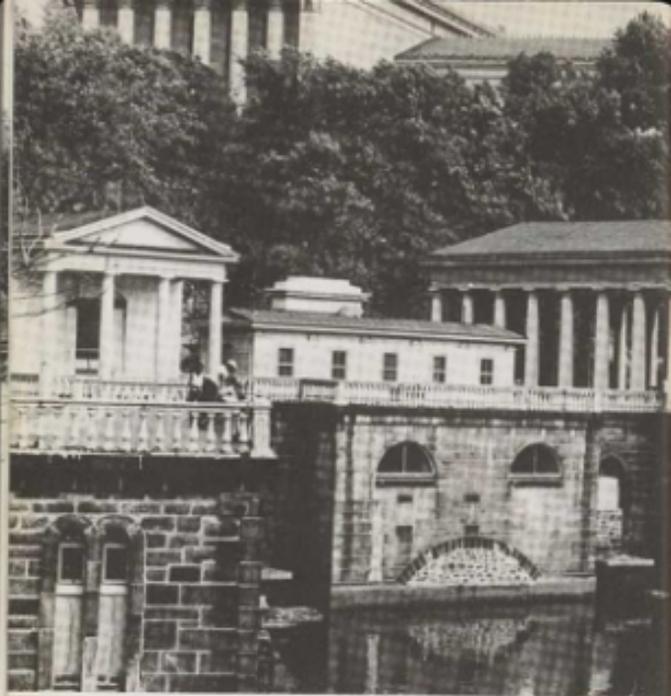


Em nome do "progresso",
nossa cultura oficial se esforça
para obrigar os novos meios a
realizarem a tarefa dos antigos.



meios

Os meios ambientais são invisíveis. Suas regras básicas, sua estrutura penetrante e seus padrões gerais são inacessíveis à percepção fácil.

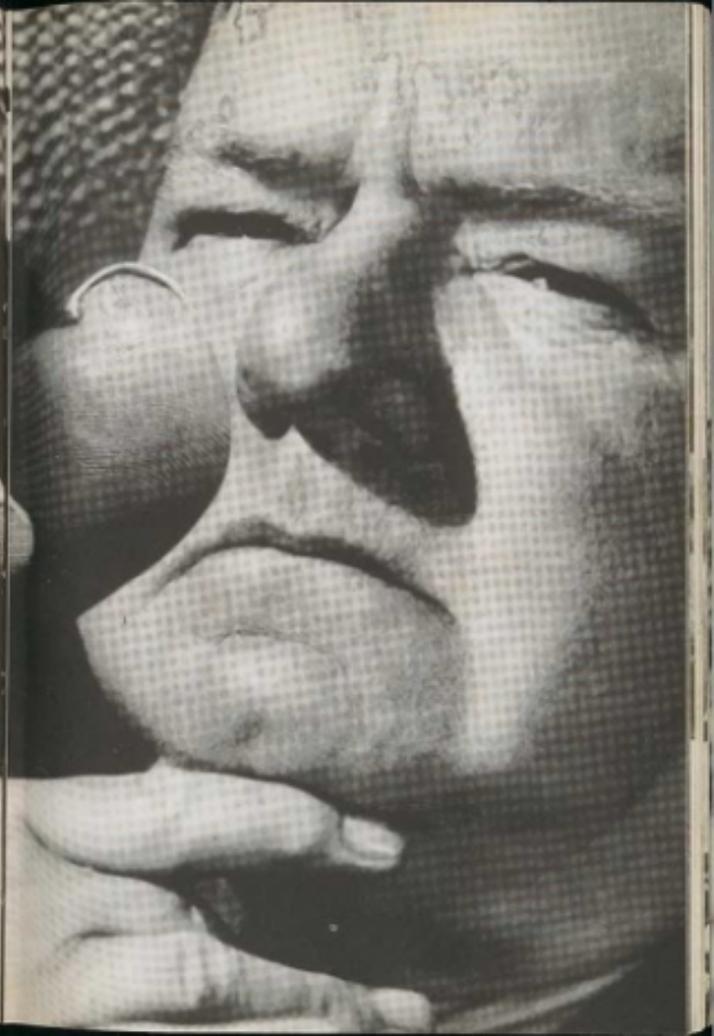
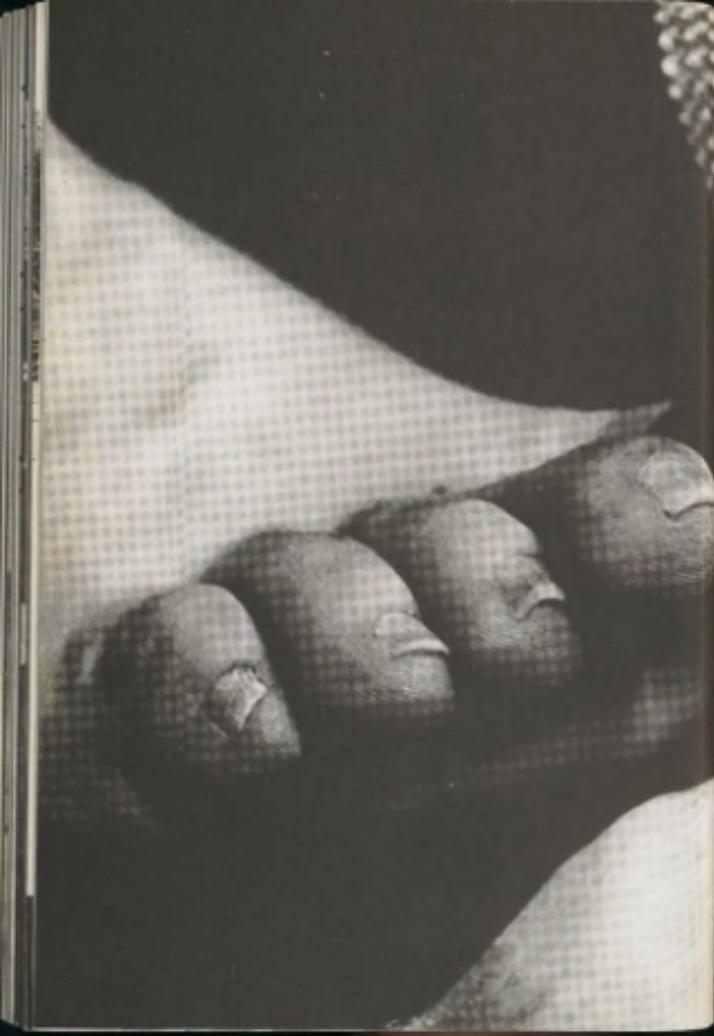


A estação de tratamento de água, em Fairmount, Philadelphia, Pennsylvania. Impomos formas antigas ao novo conteúdo. E a enfermidade permanece.

ambientais



O poeta, o artista, o detetive — quem quer que aguçe nossa capacidade de perceber tende a ser anti-social; raramente "bem ajustados", não podem seguir as correntes e tendências. Um estranho vínculo existe entre os tipos anti-sociais por sua capacidade de "ver" os meios ambientais como eles realmente são. Essa necessidade de contrapor, de confrontar os meios ambientais com uma certa força anti-social, é manifesta na famosa história "As Novas Roupas do Rei". Os cortesãos "bem-ajustados", por terem interesses a defender, viam o Rei belamente ataviado. O fedelho "anti-social", não condicionado pelo antigo meio ambiental, viu claramente que o Rei estava nu. O novo meio ambiental era claramente visível para ele.



Lesma Martin, Larson E. Chicote Queimado, Chester Especula, A. Boca de Ostra, J. P. Pinkerton Fuxicador, Mahatma Bengelê de Junio e outros personagens — sempre o homem do trapézio voador (esses nomes formam jogos de palavras totalmente intraduzíveis). No palco, no filme preteado, através de toda sua vida, ele balançava entre o ridículo e o sublime, usando o humor como uma sonda.

O humor como sistema de comunicação e como sonda do meio ambiente — do que realmente está acontecendo — fornece-nos nossa mais atraente instrumento de anti-ambiente. Não se preocupa com teoria, mas com a experiência imediata, e é, freqüentemente, o melhor guia para modificar a percepção. As sociedades mais antigas prosperavam sobre enredos puramente literários. Elas exigiam uma história com enredo. O humor de nosso tempo, ao contrário, não possui enredo — nem seqüência. É comumente como uma superposição de histórias.

amador

"Minha educação foi a mais comum possível, consistindo em pouco mais que os rudimentos de leitura, escrita e aritmética de uma escola igual às outras. Minhas horas fora da escola eu passava nas ruas ou em casa."

Michael Faraday, que pouco conhecia de matemática e quase não tinha instrução formal além da escola primária, é famoso como um experimentador que descobriu a eletricidade induzida. Foi um dos fundadores da moderna física. É é geralmente reconhecido que

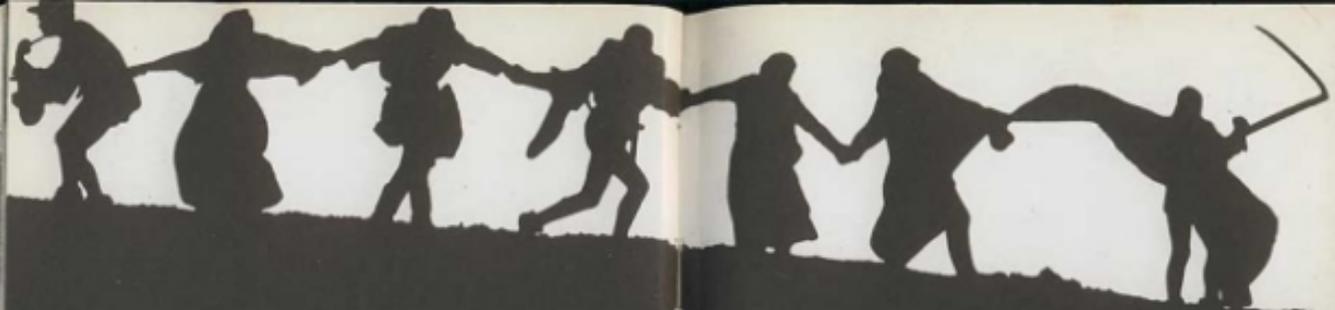


o fato de Faraday ignorar matemática contribuiu para sua inspiração, e o compeliu a desenvolver um conceito simples e não-matemático enquanto procurava explicação para seus fenômenos elétricos e magnéticos. Faraday possuía duas qualidades que compensavam com sobras sua falta de instrução: uma intuição fantástica e independência e originalidade mentais.

O profissionalismo é ambiental. O amadorismo é anti-ambiental. O profissionalismo funde o indivíduo em padrões de total acomodação ambiental. O amadorismo procura o desenvolvimento da consciência total do indivíduo e a consciência crítica das regras básicas da sociedade. O amador pode dar-se ao luxo de perder. O profissional tende a classificar e especializar, a aceitar sem crítica as regras básicas da sociedade. As regras básicas fornecidas pela reação de massa de seus colegas servem como meio ambiente penetrante do qual ele extrai satisfação sem dele ter consciência. O "especialista" é o homem que fica parado.

"Há crianças brincando nas ruas que poderiam resolver alguns dos meus mais complexos problemas de física, porque elas possuem meus maneiras de percepção sensorial que perdi há muito tempo."

J. Robert Oppenheimer



Nossa cultura oficial se esforça para obrigar os novos meios a fazerem o trabalho dos antigos.

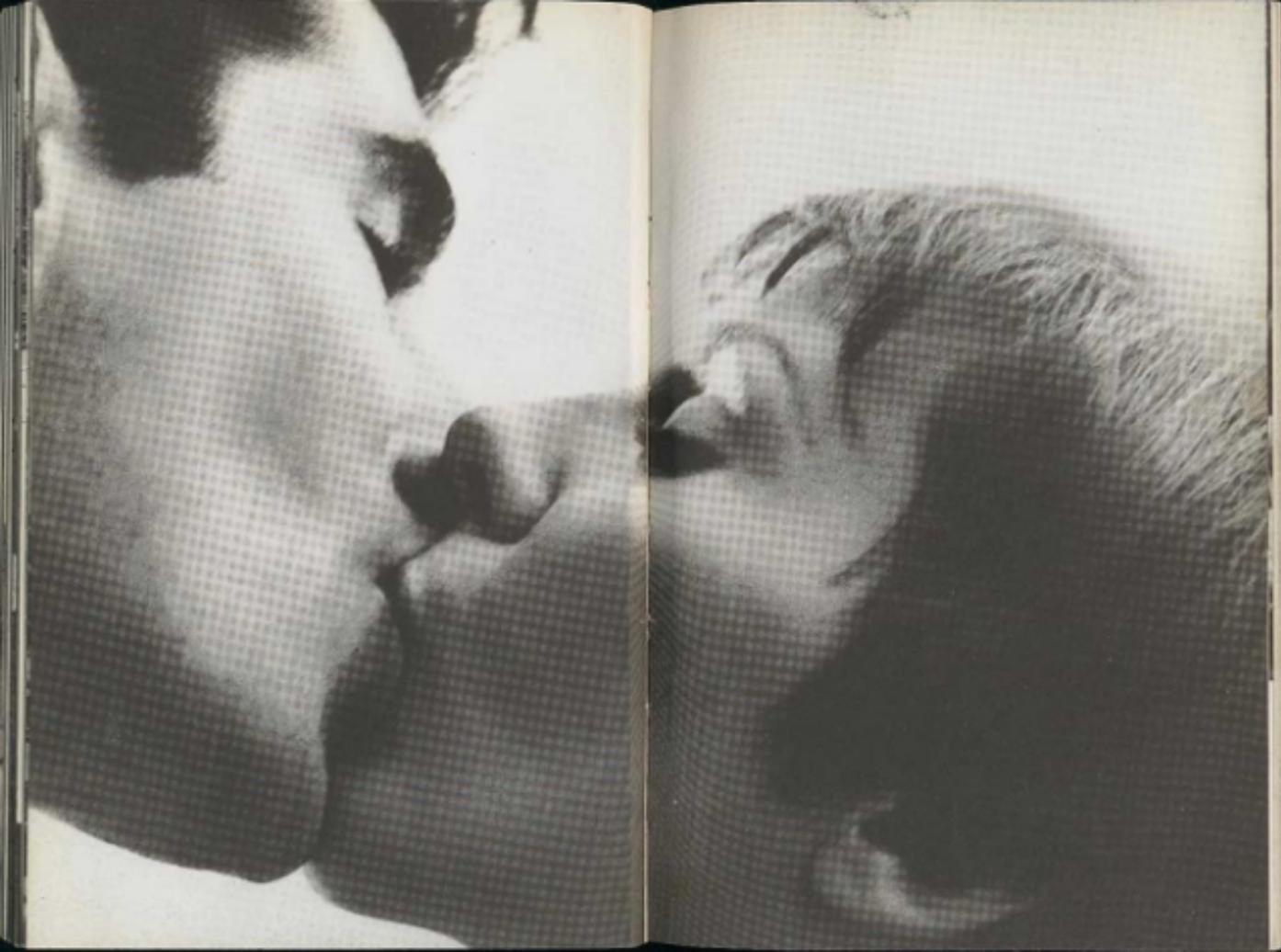
Atravessamos tempos difíceis, pois somos testemunhas de um choque de proporções cataclísmicas entre duas grandes tecnologias. Abordamos o novo com o condicionamento psicológico e as reações sensoriais antigos. Esse choque sempre se produz em períodos de transição. Nos últimos

tempos da arte medieval, por exemplo, constatamos o temor da nova tecnologia da imprensa expressar-se no tema da Dança da Morte. Nos dias de hoje o mesmo temor se manifesta no Teatro do Absurdo. Ambos representam um fracasso idêntico: a tentativa de realizar uma tarefa exigida pelo novo meio ambiental com instrumentos do antigo.

"O caso é que temos que viver com os vivos."

Montaigne





A juventude de hoje está proibida de abordar a herança tradicional da humanidade através da porta da percepção tecnológica. Essa única porta possível para ela lhe é batida na cara por uma sociedade que vê as coisas por um espelho retrovisor.

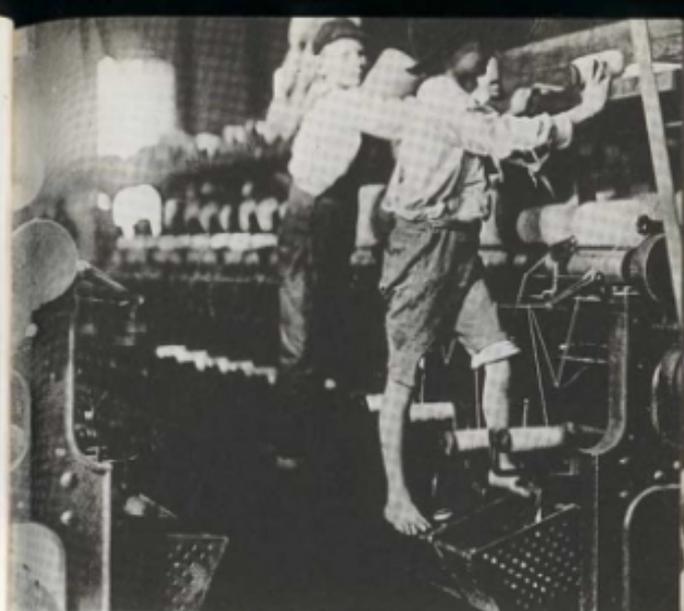
Os jovens de hoje vivem miticamente e em profundidade. Mas encontram-se com a instrução em situações organizadas por meio de informação classificada — os assuntos não são inter-relacionados, são concebidos visualmente em termos de fotocópia azul. Muitas de nossas instituições suprimem toda natural experiência direta dos jovens, que reagem, com prazer não aprendido, à poesia e à beleza do novo meio ambiental tecnológico, o ambiente da cultura popular. Isso poderia ser sua porta para todas as conquistas do passado se estudado como uma força ativa (e não necessariamente benigna).

Os estudantes não encontram meios de participação e não podem descobrir como o esquema educacional se relaciona com o seu mundo mítico de dados processados eletronicamente e das experiências que suas reações claras e diretas lhes trazem.

É assunto da máxima urgência que nossas instituições educacionais compreendam que vemos hoje em dia uma guerra civil entre os ambientes criados pelos meios que não a imprensa. A sala de aulas enfrenta hoje uma luta vital pela sobrevivência com o mundo "exterior" imensamente persuasivo criado pelos novos meios de informação. A educação tem que desviar-se da instrução, da imposição de estereótipos, para buscar a descoberta — indo à sondagem e exploração bem como ao reconhecimento da linguagem das formas.

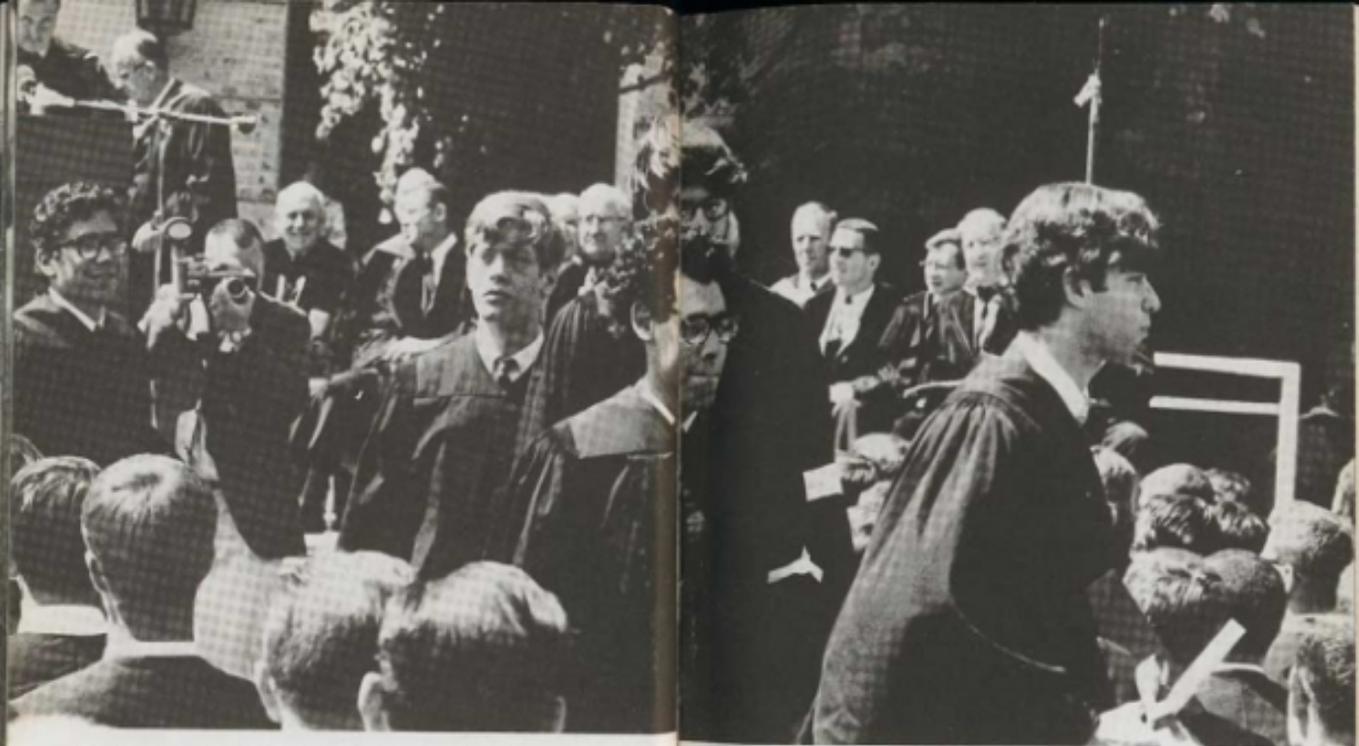
Os jovens de hoje rejeitam objetivos. Eles querem papéis — P A P É I S. Isso significa total comprometimento. Eles não querem objetivos ou empregos fragmentados e especializados.

Passamos pela experiência simultânea do abandono do curso e do ensino em comum. As duas formas são correlatas. Manifestam-se juntas. O ensino em comum representa



uma tentativa de fazer a educação derivar da instrução para a descoberta, da lavagem de cérebro dos estudantes para a lavagem de cérebro dos professores. É uma grande inversão dramática. O Vietnã, como conteúdo do ensino em comum, é um pequeno e talvez enganoso desvio. Na verdade, tem pouco a ver com o ensino em comum, como tal, e menos ainda com o abandono do curso.

O abandono do curso representa a rejeição da tecnologia do século dezanove como se apresenta em nossos estabelecimentos de ensino. A educação em comum representa um esforço criador, deslocando o processo educacional do bloco para a descoberta. Assim como a audiência se torna participante do conjunto do drama elétrico, a sala de aulas pode tornar-se o palco no qual a platéia realiza uma enorme quantidade de trabalho.



Os formandos de Amherst abandonam a platéia durante o discurso de formatura pronunciado pelo Secretário de Defesa Robert McNamara. Junho de 1966

EDUCAÇÃO



**"Porque alguma coisa está acontecendo
Mas você não sabe o que é
Ou sabe, senhor Jones?"**

Bob Dylan



"O diabo nesse caso é que esses vagabundos despejam quinze bilhões de dólares no mercado todos os anos."



Palavras certas e ordem errada.

Como a História se repete.



BUM

O ouvido não tem preferência particular por um "ponto de vista". Nós somos **envolvidos** pelo som. Este forma uma rede sem costuras em torno de nós. Costumamos dizer: "A música encherá o ar." Nunca dizemos: "A música encherá um segmento **particular** do ar."

Ouvimos sons vindos de toda parte, sem jamais haver um foco. Os sons vêm de "cima", de "baixo", da "frente", de "trás", da "direita", da "esquerda". Não podemos fechar a porta aos sons automaticamente. Simplesmente não possuímos pálpebras auditivas. Enquanto o espaço visual é um continuum organizado de uma espécie uniformemente interligada, o mundo auditivo é um mundo de relações simultâneas.



"A descoberta do alfabeto criará o esquecimento no alma dos aprendizes, porque não usarão suas memórias; eles confiarão nos caracteres escritos e não se lembrarão de si próprios... e assim não se dá aos discípulos a verdade mas somente a aparência da verdade; serão heróis de muitas coisas, e nada terão aprendido; eles parecerão oniscientes e geralmente nada saberão."

Sócrates, "Fedra"

A *Iliada* de Homero era a enciclopédia cultural da Grécia pré-alfabeto, o veículo didático que oferecia aos homens orientação para a condução de suas vidas espirituais, éticas e sociais. Toda a perícia persuasiva do idioma dramático e poético foi mobilizada para assegurar a transmissão fiel da tradição de geração em geração.

Essas canções dos Bardos eram ritmicamente organizadas

com grande maestria formal em padrões métricos que garantiam a todos a afinação psicológica para a memorização e fácil recordação. Não havia analfabetismo auditivo na Grécia pré-literária.

Na "República", Platão atacava vigorosamente a forma oral e poetizada como veículo para comunicação do conhecimento. Defendia um método mais preciso de comunicação e classificação ("As Idéias"), que pudesse favorecer a pesquisa de fatos, princípios da realidade, a natureza humana e a conduta. O que os Gregos queriam dizer com Poesia era radicalmente diferente do que nós consideramos Poesia. Sua expressão "poética" era produto de uma psique e uma mente coletivas. A forma **mimética**, a técnica

Desenvolva Uma Poderosa Memória?

que explorava o ritmo, a métrica e a música obtinha a reação psicológica desejada no ouvinte. Os ouvintes podiam decorar com maior facilidade o que era cantado do que o que era dito. Platão atacou esse método porque desencorajava a controvérsia e a discussão. Ele era, em sua opinião, o principal obstáculo ao raciocínio abstrato e especulativo — e denominava o método de veneno e inimigo do povo.

O "cego" que tudo ouvia, Homero, herdou esse modo metafórico de falar, uma linguagem que, como o prisma, refrata muitos significados para um único ponto.

A "precisão" é sacrificada a um grau maior de sugestão. O mito é um modo de tomar consciência simultânea de um grupo complexo de causas e efeitos.

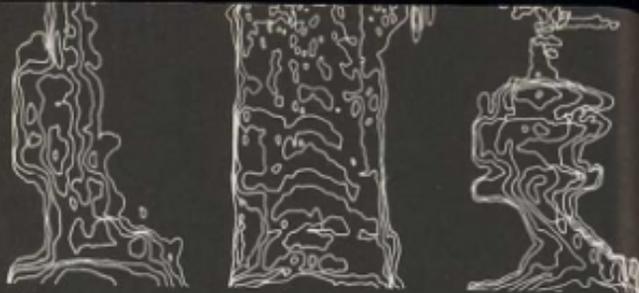
O sistema de circuitos elétricos confere uma dimensão mítica a nossos atos individuais e grupais comuns. Nossa tecnologia nos força a viver miticamente, mas continuamos a pensar fragmentariamente, e em planos únicos e separados. O mito significa a incorporação da audiência, o envolvimento do meio ambiental. Os Beatles fazem isso. Eles são um grupo de pessoas que, de repente, conseguiram incorporar sua audiência e a língua inglesa com efeitos musicais — usando novas vestes, um tempo total, um **Zeit**.

Os jovens estão à procura de uma fórmula para integrar o universo — **participação mística**. Eles não procuram padrões isolados — ou modos de ligar-se ao mundo à maneira do século dezenove.

Um conhecido editor de Chicago relata que há uma técnica simples para adquirir uma poderosa memória que lhe pode render altos dividendos tanto em negócios como em progresso na escala social e que age como mágica ao lhe dar mais equilíbrio, a necessária autoconfiança e maior popularidade.

De acordo com esse editor, muitas pessoas não percebem quanto poderiam influenciar outras simplesmente por lembrar acuradamente tudo que vêem, ouvem ou lêem. Quer em negócios, em acontecimentos mundanos, ou mesmo em conversas casuais com novos conhecidos, há modos para que você domine cada situação com sua capacidade de lembrar.

Para familiarizar os leitores deste jornal com as regras fáceis de aplicar para desenvolver o talento de lembrar qualquer coisa que escolha recordar, os editores imprimiram os detalhes completos de seu método de auto-educação num novo livro, "Aventura com a Memória", que será remetido grátis a quem quer que o solicite. Não há compromissos. Envie seu nome, endereço e zona do correio para: Memory Studies, 835 Diversey Parkway, Depto. 8183 — Chicago, JLI. 60614. Basta um cartão postal.



você

"Fale para que eu o possa ver."

você

Os gráficos do registro elétrico da voz, como as impressões digitais, estão sendo aceitos como prova em alguns tribunais.

você

Pediu-se a cinco pessoas que dissessem "você". A uma se pediu que repetisse. Quais desses registros de voz foram feitos pela mesma pessoa?

você

você

O do alto à esquerda e o de baixo à direita



John Cage

"Deve-se ser desinteressado, aceitar que um som é um som e um homem é um homem, abandonar ilusões sobre idéias de ordem, expressões de sentimentos, e todo o resto de conversa fiada de nossa herança estética."

"O mais alto dos ideais é não ter ideal algum. Isso nos põe em consonância com a natureza quanto à sua maneira de funcionar."

"Todo mundo está no melhor lugar."

"Tudo que fazemos é música."

"Tudo é teatro todo o tempo, onde quer que se esteja. E a arte apenas facilita a compreensão de que é isso que acontece."

"Eles (Eu Ching) me disseram para continuar o que estava fazendo e espalhar

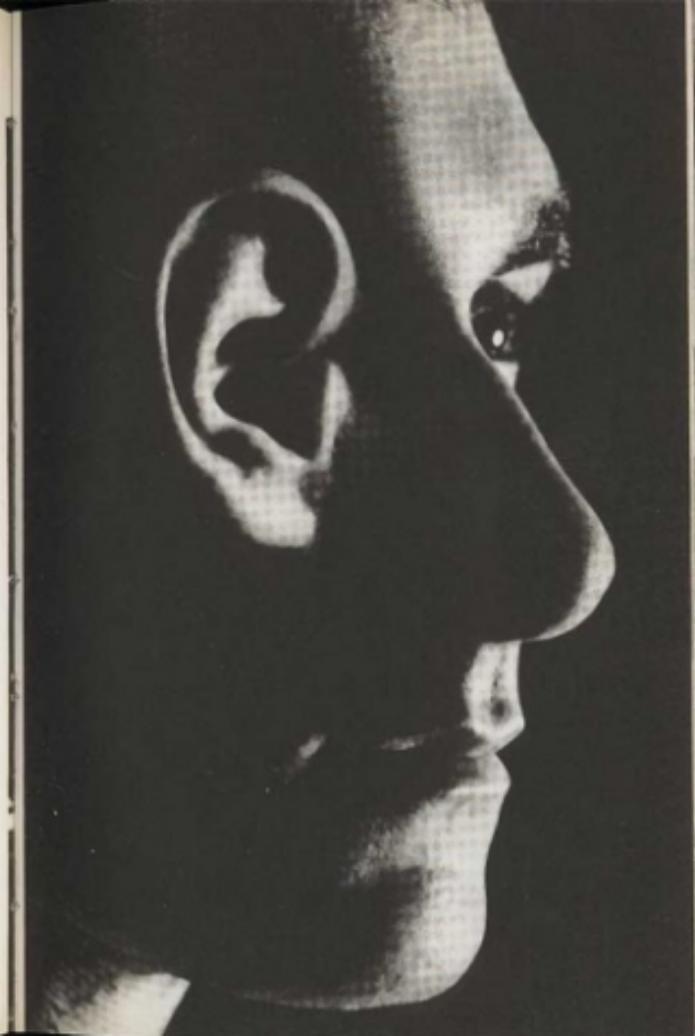
ALEGRIA

e
revolução

Ouvindo as mensagens simultâneas de Dublin, James Joyce libertou a maior torrente de música linguística oral jamais manipulada em forma de arte.

"Os brotos que inventarão uma escrita lá eis o poeta, ainda mais erudito, pois descobriu a incursão lá no princípio. Esse é o ponto de escatologia que nosso livro de mortes alcança por agora e alguns em muitas palavras de contraponto. O que pode ser codificado pode ser desatado se um ouvido visual percebe o que nenhum olho jamais aspirou. Ora, a doutrina obtém, temos causas causantes causando efeitos e efeitos ocasionalmente causando de novo pós-efeitos.

Joyce, no "Wake", faz seus próprios desenhos em sua gruta de Altamira da história completa da mente humana, em termos de seus gestos básicos e suas posturas durante todas as fases da cultura e tecnologia humanas. Como seu título indica, ele percebeu que a esteira do progresso humano pode desaparecer de novo na noite do homem sacro e auditivo. O ciclo Finn de instituições tribais pode retornar na idade elétrica, mas se de novo, vamos fazê-lo a esteira ou o despertar de ambos. Joyce não percebia a vantagem de permanecer encerrados em cada ciclo cultural como em transe ou em sonho. Ele descobriu a maneira de viver simultaneamente em todos os modos culturais permanecendo inteiramente consciente.





"O direito de autor" — como o conhecemos hoje, o esforço intelectual individual ligado ao livro como um produto econômico — eram praticamente desconhecidos antes do advento da tecnologia da imprensa. Os estudiosos medievais eram indiferentes quanto à identidade precisa dos "livros" que estudavam. Em compensação, raramente assinavam mesmo aquilo que era claramente seu. Eles eram uma humilde organização de serviço. A busca de textos era, com freqüência, uma tarefa muito aborrecida e demorada. Muitos textos curtos eram transmitidos em volumes de conteúdo variado, como as anotações que se fazem num livro de recortes, e, nesse processo de transmissão, a autoria freqüentemente se perdia.

A invenção da imprensa eliminou o anonimato, fomentando idéias de fama literária e o hábito de considerar o esforço intelectual como propriedade privada. A multiplicação mecânica do mesmo texto criou um público — o público leitor. A cultura emergente, orientada para o consumo, tornou-se preocupada com os rótulos de autenticidade e proteção contra o roubo e a pirataria. A idéia do "copyright", direito de reprodução — "o direito exclusivo de reproduzir, publicar e vender o conteúdo e a forma de um trabalho artístico ou literário" — nasceu então.

A xerografia — o caça-mente de qualquer um — é o arauto dos tempos de publicação instantânea. Qualquer pessoa pode hoje tornar-se autor e editor. Procure quaisquer livros de quaisquer matérias e faça seu livro sob medida. Basta fazer um xerox do capítulo de um, um capítulo de outro — furto instantâneo!

A medida que novas tecnologias entram em uso, as pessoas ficam cada vez menos convencidas da importância da auto-expressão. O esforço de grupo substitui o esforço individual.

Um duplicador, artifício duplicador

" " " "

Um duplicador, artifício duplicador

" " " "

Um duplicador, artifício duplicador

Mesmo um escritor tão imaginativo como Júlio Verne falhou no enfoque da velocidade com a qual a tecnologia elétrica produziria meios de informação. Ousadamente predisse que a Televisão seria inventada no século XXIX.

Os escritos da ficção científica de hoje apresentam situações que nos permitem perceber o potencial das novas tecnologias. Antigamente, o problema era inventar novas formas de economizar trabalho. Hoje, o problema inverteu-se. Agora temos que ajustar-nos e não que inventar. Temos que procurar o meio ambiental no qual seja possível viver com nossas novas invenções. As grandes empresas aprenderam a fazer uso das predições do escritor de ficção científica.

AU XXIX^{me} SIÈCLE (1).



A televisão completa o ciclo do sensorium humano. Com o ouvido onipresente e o olho móvel, abolimos o escrito, a metáfora especializada acústico-visual que estabeleceu a dinâmica da civilização ocidental.

Com a televisão ocorre uma extensão do sentido do tato, ativo e exploratório, que envolve todos os sentidos simultaneamente, em lugar da visão apenas. Você tem que estar **com** ela. Mas em todos os fenômenos elétricos, a visão é apenas um componente de uma complexa inter-relação. E como, na era da informação, quase todas as transações são conduzidas eletricamente, a tecnologia elétrica significou para o homem ocidental uma perda considerável do componente visual, em sua experiência, e um aumento correspondente nas atividades dos outros sentidos.

A televisão exige participação e comprometimento em profundidade de todo o ser. Não pode servir de fundo. Ela o compromete. Talvez seja por isso que tantas pessoas sentem que sua identidade está ameaçada. Esse cargo de cavalaria ligeira elevou nossa percepção geral da forma e sentido de vidas e acontecimentos a um nível de extrema sensibilidade.

Foi o enterro do Presidente Kennedy que mais fortemente comprovou o poder da televisão de revestir uma ocasião com o caráter de participação coletiva. Ela envolve uma população inteira num processo ritual. (Em comparação, a imprensa, o cinema e o rádio são apenas embalagens artificiais para consumidores). Na televisão as imagens são projetadas em sua direção. Você é a tela. As imagens cercam você. Você é o ponto de fuga. Isso cria uma espécie de introspecção, uma espécie de perspectiva às avessas que tem muito a ver com a arte oriental.



A geração da televisão é um bando severo. É muito mais séria que as crianças de qualquer outro período — quando eram mais frívolos, mais caprichosos. A criança da era da televisão é mais enérgica, mais dedicada.

Mais freqüentemente os poucos segundos sanduichados entre as horas de programa — as comerciais — refletem uma compreensão mais realista do meio. Simplesmente não há tempo para a forma narrativa, tomada de empréstimo da tecnologia anterior da imprensa. O enredo tem de ser abandonado. Até muito recentemente, as comerciais de televisão eram considerados simplesmente como uma forma bastarda, uma vulgar forma de arte folclórica. Eles estão influenciando a literatura contemporânea. Veja-se "A Sangue-Frio", por exemplo.

A principal causa de desapontamento com o, e para crítica da televisão é o fracasso de seus críticos em vê-la como uma tecnologia totalmente nova que exige reações sensoriais diferentes. Esses críticos insistem em encarar a televisão apenas como uma forma degradada da tecnologia da imprensa. Os críticos da televisão não conseguiram compreender que os filmes que eles enaltecem, como "The Knock", "Hard Day's Night", "What's New Pussycat?" não seriam aceitáveis como filmes para audiências de massa se essas audiências não tivessem sido precondicionadas pelos comerciais de televisão para subidas repentinas da câmara, pela truncagem elíptica, ausência de enredo e os cortes abruptos.



"Quando você pensa na tremenda força educativa da televisão, não fica agradecido pelo fato de não usá-la?"

Desenho de Donald Bell — 1965 — Revista New Yorker

MISTÉRIO! AVENTURA!
SUSAN HAYWARD "BACKSTREET"
E "DANE-SE O DESAFIANTE"



Os filmes estão melhores que nunca!

Hollywood fomenta com frequência revoluções anticolonialistas.

de

VARIETY

o jornal do mundo teatral.

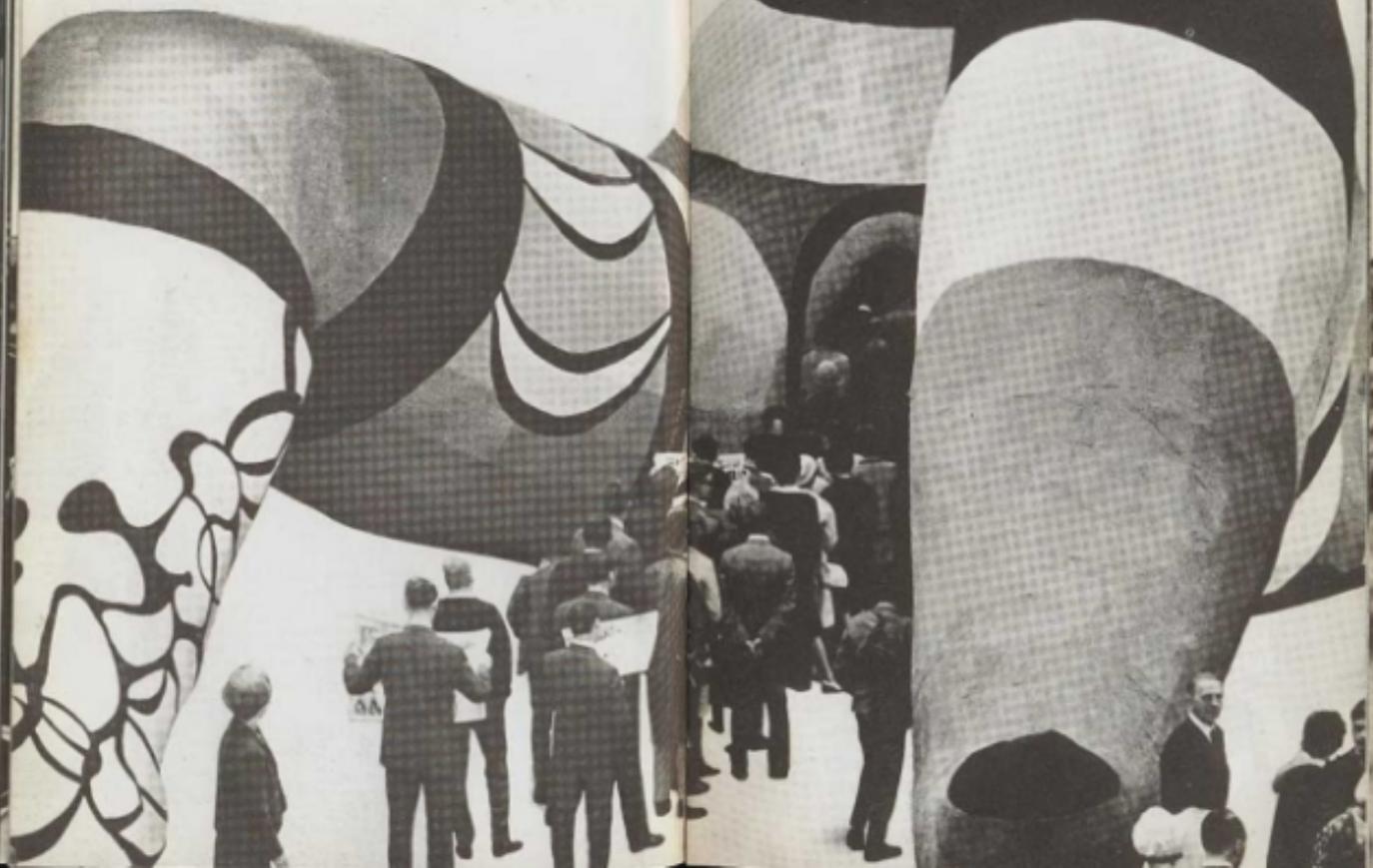
"As geladeiras sabotam o colonialismo"

Sukarno: "A indústria cinematográfica abriu uma janela para o mundo e as nações colonizadas olharam através dessa janela e perceberam as coisas de que estão privadas. Geralmente ninguém percebe que uma geladeira pode ser um símbolo revolucionário — para um povo que não possui geladeiras. A posse de um automóvel por um trabalhador num país pode ser um símbolo de rebelião para um povo privado das mais elementares necessidades de vida... (Hollywood) ajudou a construção do sentido de privação do direito de nascer do homem, e esse sentido de usurpação teve um grande papel nas revoluções nacionais da Ásia de pós-guerra."

rte



é qualquer coisa



que se possa empurrar



"A maior e melhor mulher do mundo",
uma escultura de 25 metros de compri-
mento e 6 metros de altura, no Moderna
Museet de Estocolmo. Pode-se andar por
dentro dela.



Os balineses dizem:
**"Não temos arte.
Fazemos tudo o
melhor que podemos."**

Curador de Museu:
**"Não queria ser visto nem
morto, com uma obra de arte
viva."**

A. K. Coomaraswamy:
**"Temos orgulho de
nossos museus onde exibimos
uma maneira de viver
que nós mesmos tornamos
impossível."**

A Sociedade estabelecida presta
homenagem a quatro rapazes
anti-ambientais.

O primeiro-ministro da Inglaterra
visita o Cavern Club, em Liverpool,
onde os Beatles começaram.

O museu tornou-se um depósito
de valores humanos, um banco
de sangue cultural.

A guerra total, verdadeira, tornou-se guerra de informação. É travada através de sutis meios de informação elétrica — em condições de frio constante. A guerra fria é a verdadeira frente de batalha — um cerco — envolvendo todo mundo, todo o tempo e em toda parte. Hoje em dia, quando as guerras quentes se tornam necessárias, elas se travam nos quintais do mundo usando velhas tecnologias. Essas guerras são "happenings", brincadeiras trágicas. Já não é conveniente, ou aconselhável, usar a mais moderna tecnologia para travar nossas guerras, pois a tecnologia moderna tornou a guerra sem sentido. A bomba de hidrogênio é um ponto de exclamação da história. Ela dá fim a uma sentença imemorial de violência manifesto!

**Alguns
a
preferem
quente,**

**Outros
a
preferem
fria**

Luzes, câmera, nenhuma ação. Hollywood hospeda o primeiro-ministro Khrushchev.





"Meu Caro, Será que Você Encontrou
Soldados Quando Vinha Pela Floresta?"

O meio como manipulador de informação é propaganda. A propaganda termina onde começa o diálogo. Você deve falar aos meios, não ao programador. Falar ao programador é o mesmo que dar queixa a um vendedor de cachorro-quente num parque de dança de como joga mal o seu time.



"Olha o Dick. Olha o Dick protesta. Protesta, Dick, protesta!"

"O Oeste despertará o Leste...
Quando tivermos a noite como manhã..."

James Joyce



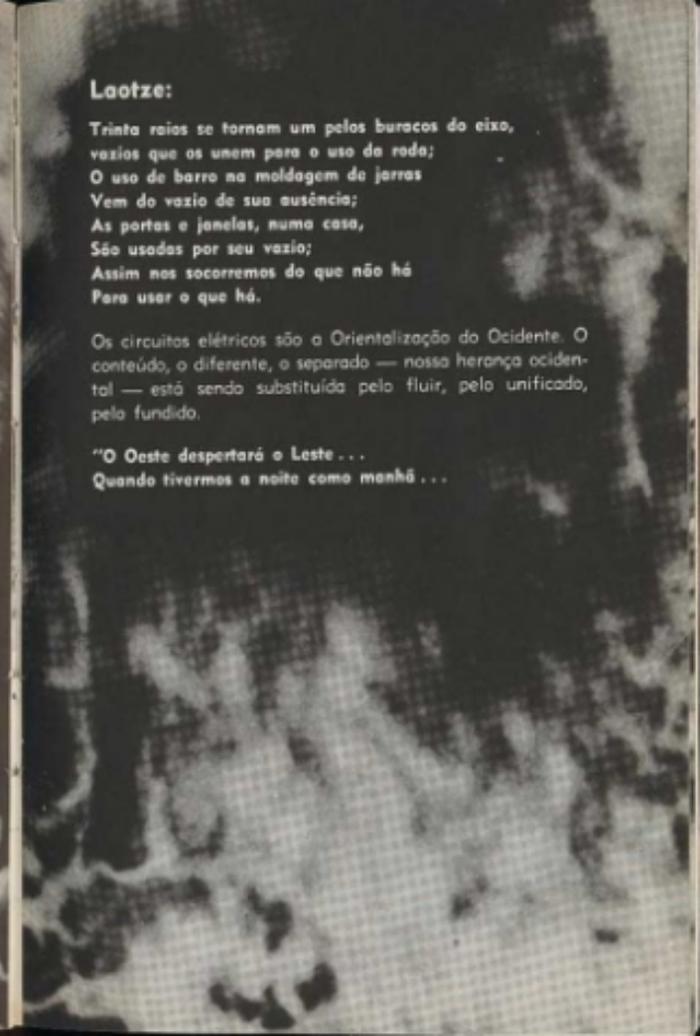


Laotze:

Trinta raios se tornam um pelos buracos do eixo,
vazios que os unem para o uso da roda;
O uso de barro na moldagem de jarras
Vem do vazio de sua ausência;
As portas e janelas, numa casa,
São usadas por seu vazio;
Assim nos socorremos do que não há
Para usar o que há.

Os circuitos elétricos são a Orientalização do Ocidente. O conteúdo, o diferente, o separado — nossa herança ocidental — está sendo substituída pelo fluir, pelo unificado, pelo fundido.

“O Oeste despertará o Leste . . .
Quando tivermos a noite como manhã . . .





O Deus Newtoniano — o Deus que fez um universo como um relógio, deu-lhe corda e desapareceu — morreu há muito tempo. Isso é o que Nietzsche queria dizer e esse é Deus que está sendo observado.

Quem estiver procurando em torno um ícone dissimulado da deidade em termos newtonianos ficará desapontado.

A frase "Deus está morto" aplica-se adequadamente, corretamente, validamente ao universo de Newton, que está morto. A regra básica desse universo, sobre a qual tão grande parte de nosso mundo ocidental se construiu, dissolveu-se.



"Somente a mão que apaga pode escrever a coisa verdadeira."

Meister Eckhardt

"All the News
That's Fit to Print"

The New York Times.

LATE CITY EDITION

Published for the Proprietors by The New York Times Company, 1230 Avenue of the Americas, New York, N.Y. 10020

VOL. CVI, No. 38,372

© 1965 by The New York Times Company
Printed in the U.S.A.

NEW YORK, WEDNESDAY, NOVEMBER 10, 1965.

TEN CENTS

A FALTA DE ELETRICIDADE TUMULTUA O NORDESTE; 800.000 PESSOAS FICAM PRÊSAS NOS TRENS SUBTERRÂNEOS AQUI; AUTOMÓVEIS ENGARRAFADOS, A CIDADE TATEIA NO ESCURO

A nossos leitores

Devido à falta de energia, as instalações mecânicas do New York Times foram imobilizadas ontem de noite e hoje de manhã. Por gentileza do Newark Evening News, esta edição do Times foi composta e impressa nas oficinas do Evening News com matéria do próprio New York Times. As informações financeiras pertencem ao News.



*O engarrafamento
na hora do "rush" se
estende a 9 Estados*

**Foram chamados às fileiras 10.000
homens da Guarda Nacional e 5.000
policiais licenciados de New York**

por Peter Kihss

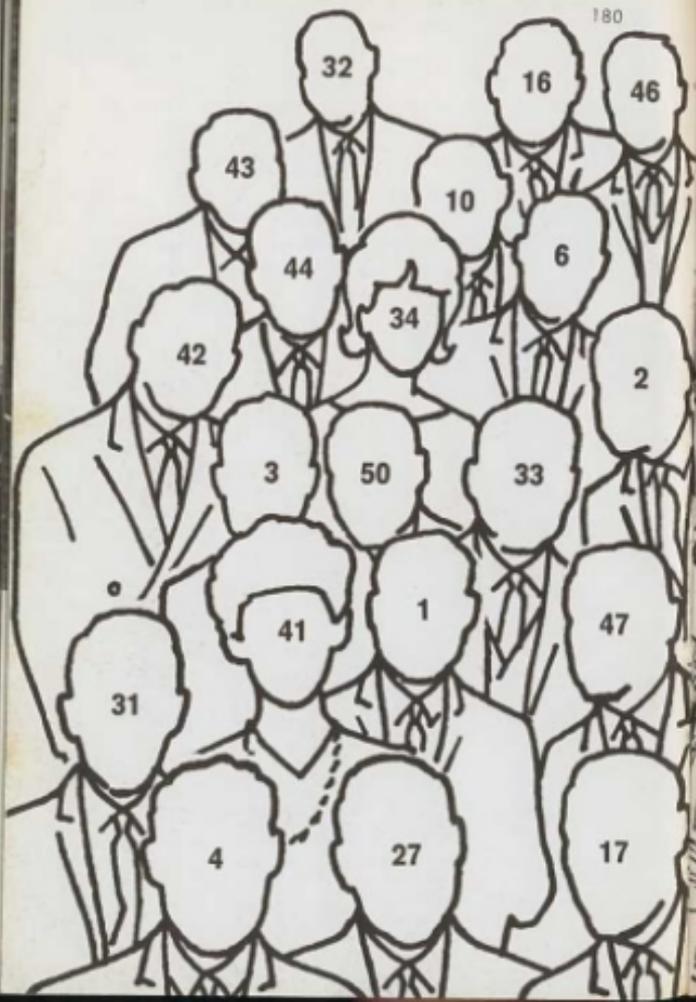
A maior falta de energia da história pôs no escuro quase toda a cidade de New York, parte de nove Estados do Nordeste e duas províncias do Sudeste canadense durante a noite passada. Mais ou menos 80.000 milhas quadradas onde vivem 25 milhões de pessoas que aí trabalham foram atingidas.

... os meios, ao alterar o ambiente, evocam em nós sua proporção única do sentido de percepção. O prolongamento de qualquer sentido altera nossa maneira de pensar e agir — a maneira de perceber o mundo. Se o Grande Blackout de 1965 tivesse durado meio ano, não haveria dúvidas sobre como a tecnologia elétrica modela, pressiona, altera — massageia — cada segunda de nossas vidas.

"Eu devia estar delirando, pois encontrava divertimento ao cogitar sobre as velocidades relativas de suas várias descidas rumo à espuma lá embaixo."

Em seu divertimento nascido do desinteresse racional por sua própria situação, o marinheiro de Poe na "Descida no Maelstrom" livrou-se do desastre ao compreender a ação do rodameinho. Seu discernimento oferece um estratagema viável para compreender nosso apuro, nesse rodameinho de estrutura elétrica.

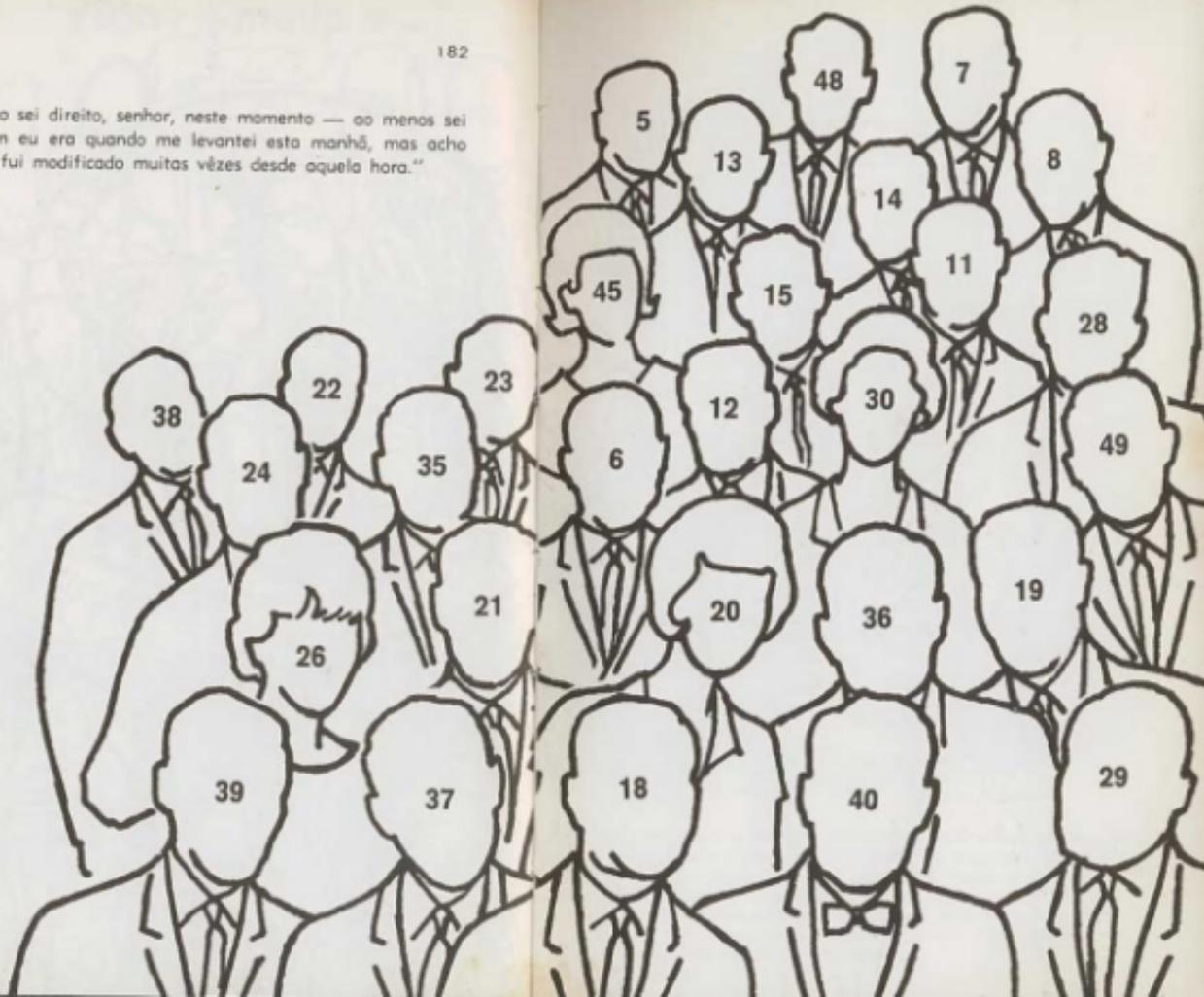




"... e quem é você?"



"Não sei direito, senhor, neste momento — ao menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que fui modificado muitas vezes desde aquela hora."



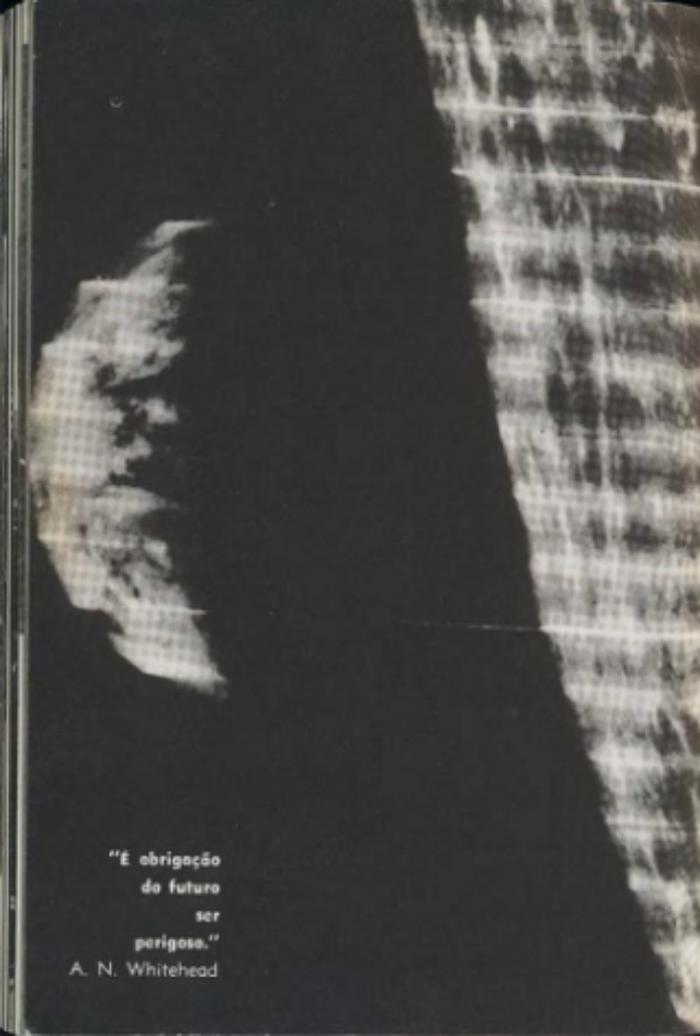


"Veja, papai, o professor McLuhan diz que o ambiente que o homem cria torna-se seu meio de definir seu papel nele. A invenção da tipografia criou o pensamento linear, ou em seqüência, separando o pensamento da ação. Agora, com a TV e canções folclóricas, o pensamento e a ação estão mais próximos e o comprometimento social é maior. Agora vivemos de novo numa aldeia. Compreendeu?"

Página 8 — Uma marca registrada foi impressa numa gema de ovo crua por uma técnica que não usa pressão nem contato. Imagine-se as possibilidades que nasceram desse artifício.

Ilustrações:

- Capa: Tony Rollo para "Newsweek"
2-3: United Press International, Inc.
4-5: Peter Moore.
8: Eugene Anthony para "Newsweek".
37: Anthony Petrocelli para ArtCarved.
43-44: Peter Moore.
47-48: The Advertising Council, Inc.
49-50: Foto - Peter Moore.
51-52: The Art Institute of Chicago.
55-59: Peter Moore.
60-61: Peter Moore.
62-63: Peter Moore.
64-65: Peter Moore.
66-67: Peter Moore.
74-75: General Dynamics, Convair Division.
79: The Pierpont Morgan Library.
80-81: Antigo Kaiser-Friedrich Museum, Berlim.
84-85: Peter Moore.
86-88: Chas Moore, Black Star.
90: Peter Moore.
92-93: Radio Corporation of America.
94-95: N. R. Fairman para Time, Inc.
98: Robert J. Day.
99-101: Foto - David Plowden; Quadro - New York Public Library.
102-103: Foto - Peter Moore.
105: Peter Moore.
106: Tony Rollo para "Newsweek".
107: Bernard Gotfryd para "Newsweek".
108-109: United Press International, Inc.
110-111: Otto C. Prinz.
114-115: Otto C. Prinz.
117: William Woodman.
118: Foto - Peter Moore.
119: Foto - Culver Pictures.
121: Culver Pictures.
122-123: Janus Films.
124: Ute Klophaus.
125: Joseph Stanley.
126-127: Peter Moore.
129: Culver Pictures.
130-131: Wide World Photos, Inc.
132-134: Jerrald N. Schatzberg para Columbia Records.
133: (C) 1965 by M. Witmark & Sons. Usado com permissão.
136-137: Steve Schapiro.
140: Museum of Fine Arts, Boston - Pierce Fund; Glyptothek NY Carlsberg.
143: Memory Studies.
144: Peter Moore.
146: Bell Telephone Laboratories.
147: Harvey Gross - Creative Images.
149: Fotos - Peter Moore.
152: "Hier et Demain", publicado por J. Herzet, Paris, (C) 1910. Reprodução de: "Au XXIX Siecle"; La Journée d'un Journaliste Américain en 2889" por Jules Verne - Col. Claude Kagan.
154-155: United Press International, Inc.
157-158: Chas Moore para Black Star.
159: "Variety".
161-164: Tiofoto Bildbyrå.
165: United Press International, Inc.
167: CBS News.
170: Mort Gerberg.
171-173: Wide World Photos, Inc.
174: Division of Radio, Television and Audio-Visuals, United Presbyterian Church in the United States of America.
176-177: (C) 1965 by The New York Times Co. Reproduzido com permissão.
178-179: United California Bank. Los Angeles, California.
188: Wide World Photos, Inc.
4.º de capa: George Dippel, Peter Moore.



"É obrigação
do futuro
ser
perigoso."

A. N. Whitehead

IMPRESSO POR:
INDUSTRIA DE ARTES GRÁFICAS ATLAN LTDA.
RUA SOTERO DOS REIS, 13 - RIO DE JANEIRO